



pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

uma ascensão
e não um caminho doloroso de evolução
a cidade, espelho de aspirações
marta e maria
uma reflexão para os jovens, por catharose de petri
a redescoberta da gnosis
a argila, a água, o fogo e o homem
fama400: um olhar retrospectivo



2015

NÚMERO 1

Edição

Rozekruis Pers

Redação Final

Peter Huijs

Redação

Kees Bode, Wendelijn van den Brul, Arwen Gerrits, Hugo van Hooreweeghe, Peter Huijs, Hans Peter Knevel, Frans Spakman, Anneke Stokman-Griever, Gerreke Uljée, Lex van den Brul

Diagramação

Studio Ivar Hamelink

Secretaria

Kees Bode, Gerreke Uljée

Redação

Pentagram

Maartensdijkseweg 1

NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos

e-mail: info@rozekruispers.com

Edição brasileira

Pentagrama Publicações

www.pentagrama.org.br

Administração

Pentagrama Publicações

C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP

livros@pentagrama.org.br

Publicação digital

Acesso gratuito

Responsável pela Edição Brasileira

Adriana Ponte

Coordenação, tradução e revisão

Adriana Ponte, Emanuel Saraiva, Leonel Oliveira, Rossana Cilento, Amana da Matta, Denison de Sá, Elaine Mayworm, José de Jesus, Leice Novaes, Marcia Moraes, Marlene Tuacek, Mercês Rocha, Mirella Sader, Rafael Albert, Sérgio Oliveira, Simone Oliveira, Cláudio Moraes, Ellika Trindade, Fernando Leite, Francisca Luz, João Batista Ponte, Josefina de Lima, Lino Meyer, Luis Alfredo Pinheiro, Marclio Mendonça, Roquefelix Luz, Urs Schmid

Diagramação, capa e interior

Dimitri Santos

Fotografias Bienal de São Paulo

Rossana Ruttinger

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP

Tel. & FAX: (11) 3208-8682

www.rosacruzaurea.org.br

info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa

www.rosacruzlectorium.org

escola@rosacruzaurea.org

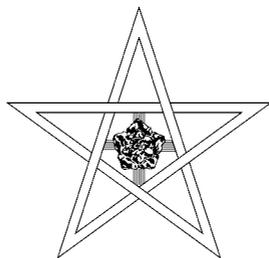
A revista Pentagrama é publicada seis vezes por ano em alemão, inglês, espanhol, francês, húngaro, holandês e português.

Ela é publicada apenas quatro vezes por ano em búlgaro, finlandês, grego, italiano, polonês, russo, eslovaco, sueco e tcheco.

© Stichting Rozekruis Pers

Proibida qualquer reprodução sem autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253



Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração. A revista **pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 37 2015 número 1

Local da ação: a área de Tübingen e Calw em Lander Baden-Württemberg, Alemanha.

Momento da ação: o início de setembro de 2014.

Atividade: comemoração "Fama400".

Ainda podemos sentir o prodigioso impulso do evento "Fama400" realizado no sul da Alemanha. Exposições, palestras, ateliês, um documentário tocante e uma conferência que ressoou com força poderosa atraíram um interesse extremamente vivo. O conjunto das atividades reforça enormemente a ligação que existe entre a Rosa-cruz Áurea e o campo energético-etérico de Cristão Rosa-Cruz. Um olhar retrospectivo de um dos mil e setecentos participantes coloca em evidência a efervescente certeza de que a Luz é uma realidade atual e que Ela se manifesta no presente. Mas o sul da Alemanha não é o único local onde se concentra o novo impulso libertador da consciência da alma. No mês de agosto, a Bienal do Livro de São Paulo, Brasil, recebeu quase dois milhões de visitantes. O estande da Pentagrama Publicações suscitou o entusiasmo de milhares de pessoas, incluindo crianças. Mais de quatro mil livros e doze mil marcadores de páginas foram para o mundo. A série "Imagens do Mundo" ilustra e comprova a importância desse evento.

Este número da **pentagrama** também fala sobre as metáforas que envolvem os conceitos de ilha, cidade e matriz. O leitor encontrará igualmente algumas palavras de Catharose de Petri, de caráter universal e de grande profundidade dirigidas diretamente ao coração dos jovens. Além disso, verá uma imagem extremamente antiga, que diz respeito à argila, à água, e ao fogo, elementos com os quais o ceramista faz um vaso, e o mestre é o homem interior.

Especial!



Capa: Uma reprodução oriental do Homem-Luz alado, comparável aos anjos portadores de pureza. (Origem desconhecida)

uma ascensão

e não um caminho doloroso de evolução 2

reflexões espirituais de henry corbin a cidade, espelho de aspirações 8

imagens do mundo: São Paulo 16, 17, 21, 27, 44, capa interna

o plano espelha-se no silêncio 18 marta e maria 22

uma reflexão para os jovens, por catharose de petri 28

a redescoberta da gnosis 33

a argila, a água, o fogo e o homem 37

o construtor do mundo 40

fama400: um olhar retrospectivo 42

uma ascensão e não um caminho doloroso de evolução

As tensões estão crescendo em diversas partes do mundo e sentimentos viscerais de baixo nível correm o risco de predominar. São sentimentos ancorados na religião, mas que nada têm de divino ou elevados.

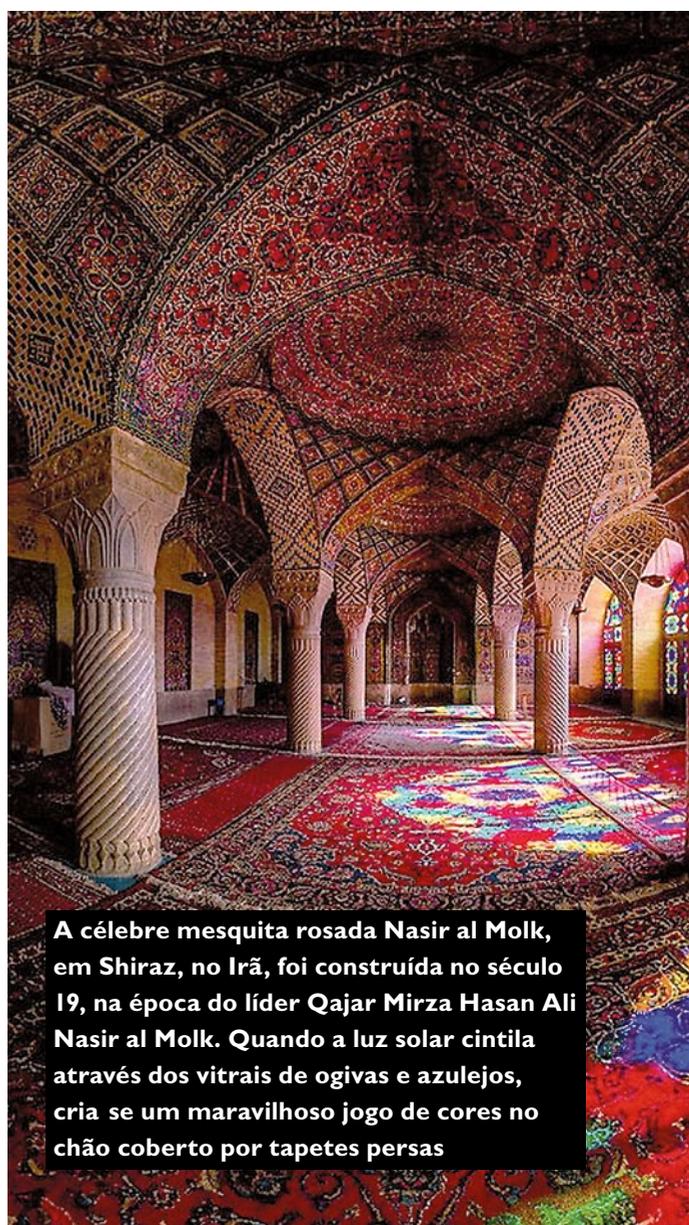
São sentimentos que fervem no sangue, que se inflamam com a cólera, com a indignação e arrancam a serenidade e a clareza de julgamento dos seres humanos – qualidades elevadas que permitiriam que eles pudessem resolver seus problemas com bom senso. É da ▶

A aventura de nosso mundo é a aventura de alguém que está tentando sair do fundo de um poço. De tempos em tempos, essa pessoa atinge certo nível do poço; subindo de nível em nível, consegue atingir o nível superior. A cada passo, vê, debaixo de seus pés, o nível que já ultrapassou. Quem consegue enxergar com o órgão da visão interior verá, sob seus pés, os tempos passados que vão ficando cada vez mais opacos, densos e tenebrosos, enquanto que, dia após dia, continua a subir no tempo, aproximando-se da Vontade primordial e tornando-se cada vez mais luminoso e sutil.

Vamos imaginar um ser que desce do Céu e penetra na esfera do ar elementar; descendo um pouco mais, ele penetra na esfera do vapor atmosférico; descendo um pouco mais, vai entrando, sucessivamente, na esfera das nuvens e depois na água do oceano, e em seguida, nas entranhas da Terra.

Então, alguém lhe diz: “Agora, suba novamente!” E então ele sobe, sai da escuridão da Terra, entra na esfera da água atravessando sua densidade e assim, sucessivamente, vai atravessando as esferas das nuvens e do vapor. Ao sair dessa última região, entra no ar em estado puro. Seus olhos contemplam tudo ao seu redor; ele inspira profunda e longamente: já está livre de toda a pressão cerrada que o sufocava e deixa-se levar pelo relaxamento, por uma imensa quietude. Finalmente, respira à vontade.

Pois bem: essa é precisamente a história espiritual de nosso mundo. Porque o nosso mundo, nossa percepção, estava nas profundezas da terra.

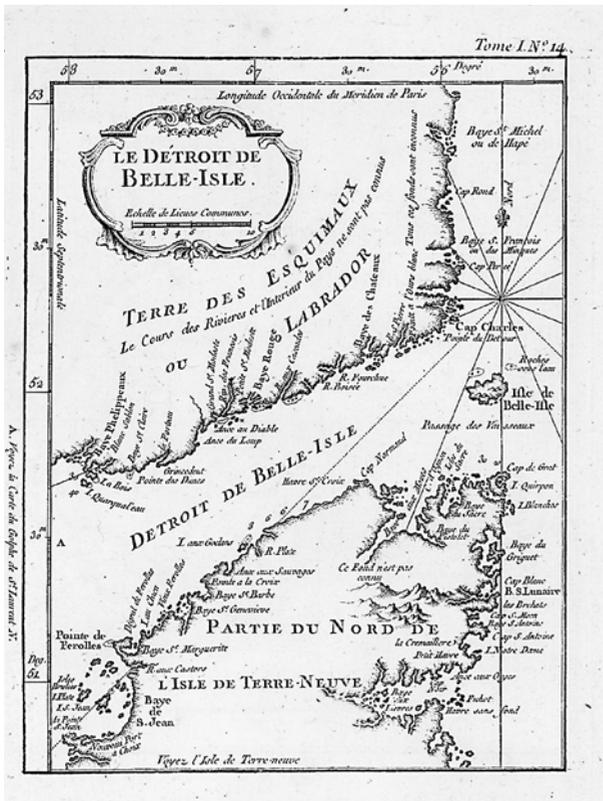


A célebre mesquita rosada Nasir al Molk, em Shiraz, no Irã, foi construída no século 19, na época do líder Qajar Mirza Hasan Ali Nasir al Molk. Quando a luz solar cintila através dos vitrais de ogivas e azulejos, cria-se um maravilhoso jogo de cores no chão coberto por tapetes persas

REFLEXÕES ESPIRITUAIS DE HENRY CORBIN

mais alta importância que o homem ponderado se preserve contra esses sentimentos. E ele pode fazer isso quando, a partir do conhecimento, mantém dentro de si a indispensável calma interior e uma ligação verdadeira com o que é de nível superior – característica de todas as religiões autênticas. Leitores, não se sintam desencorajados por alguns termos árabes que aparecem neste texto de Henry Corbin, no qual ele destaca o caráter verídico, universal e absolutamente puro do Islã dos sufis.





Então foi dito para Adão: “Retorne agora, suba novamente!” Esse retorno ainda está se realizando, pois não estamos livres das dificuldades e das preocupações; das trevas e das brumas. Ainda não conseguimos emergir para respirar o ar puro. Realmente, onde estamos, reina profunda escuridão. E é bom que nestas trevas encontremos uma religião, pratiquemos certa atitude e professemos determinada crença. Mas, uma vez que os seres humanos saiam das brumas e penetrem o ar puro, eles verão o sol e a Face do Amigo – o verdadeiro líder espiritual, o *Imã*. Eles contemplam suas próprias luzes, que já não estão cobertas nem veladas, pois nada têm a dissimular. É que as leis já não são leis; a religião já não é religião; as instituições já não são instituições. Nessa hora, o que é preciso é que nós mesmos cheguemos ao nível espiritual em que o Amigo, o *Imã*, torna-se visível. O *Imã* não pode nos preceder nesse caminho. Se o *Imã* chegasse antes que fôssemos capazes de reconhecê-lo, isso não seria nem um pouco benéfico para nós. É como dizem estes versos: “O Amigo está mais próximo de mim do que eu mesmo. Mas – que coisa estranha! – estou bem longe dele”.

Portanto, se o *Imã* viesse antes que estivéssemos no ponto certo, ou seja, antes que houvéssemos transformado nosso modo de ser, não conseguiríamos vê-lo e isso não seria nada proveitoso para nós. Seria até mesmo contrário à prudência.

Por outro lado, a partir do momento em que nossa capacidade espiritual muda e somos transformados, isto quer dizer que já alcançamos certa elevação. Afinal, de acordo com o que já dissemos, precisamos sair do poço. Precisamos conquistar altura para alcançar esse lugar onde o *Imã* se torna visível. E o nome desse lugar, na língua dos que amam a sabedoria de Deus (*ahl-e hikmat*), é *hurqalya*, e, por vezes, também surge como a *Ilha Verde*.

Quando o mundo em que estamos ganhar as alturas até alcançar o nível de *hurqalya*, é justamente nesse ponto que verá o esplendor de seu *Imã*. Nesse momento, a Verdade se desvela. A Treva se dissipa. As condições mudam. Não pensem que essa realidade espiritual esteja longe. Ela está próxima, pois os sinais da realização e da crise já foram mostrados.

A brisa do mundo de *hurqalya* está soprando, e o perfume desse mundo chegou até os sentidos de quem possui a alma dos Verdadeiros Fieis. Você mesmo, se for capaz de sentir, nas páginas deste livro e os objetivos que ele contém, vai perceber um perfume emanado das flores do mundo de *hurqalya*. Mas, atenção! Existe um grande número de pessoas de natureza fraca e falsa que queimam esses perfumes: e então, eles são tomados pela vertigem. Por outro lado, um grande número dos que, por natureza, merecem plenamente o nome

Henry Corbin, filósofo francês (1903-1978),

consagrou sua vida ao estudo da filosofia e da mística persas. Ele se sentiu tocado pela profunda sabedoria do pensador persa Sohrawardi (*O ruído das asas de Gabriel*) e demonstrou que, depois da ascensão do Islã, a gnosis da antiguidade trouxe “caminhos subterrâneos” ao sufismo. Diretor do Centro de Estudos Islâmicos na Sorbonne, seus estudos sobre a filosofia islâmica lançaram uma ponte entre o Oriente e o Ocidente. Ele dizia: “Meu encontro com Sohrawardi selou o destino de meu caminho espiritual através deste mundo. O ensinamento de Platão, tal como foi expresso na angeologia zoroastriana – a doutrina dos anjos da Pérsia antiga –, iluminou o caminho que eu estava buscando”.

de “ser humano” deleitam-se com esses aromas perfumados que se tornam um alimento para suas almas. Então, aí está a evidência: Deus está velando por eles! *Hurqalya* está perto deles.

2 A ILHA VERDE No alto ou no coração da montanha que está no centro da Ilha Verde se encontra um pequeno templo com cúpula, onde os seres humanos podem comunicar-se com o *Imã*, porque acontece que ele aí deposita uma mensagem pessoal, mas não é permitido a ninguém subir até esse templo, a não ser Shamsoddîn e os que são semelhantes a ele. Esse pequeno templo se eleva à sombra da árvore *Tûbâ*.

Ora, sabemos que este é o nome da árvore que sombreia o paraíso: é a Árvore do Ser. Este templo fica às margens de uma fonte que jorra ao pé da Árvore do Paraíso e, portanto, só pode ser a Fonte da Vida. Para nos confirmar isso, é exatamente aí que nosso peregrino encontra o servo desse templo no qual reconhecemos o misterioso profeta *Khezr* (Khadir). Portanto é aí, no coração do ser, sob a sombra da Árvore e às margens da Fonte que se encontra o santuário no qual vamos chegando cada vez mais perto do *Imã* oculto. Aí temos toda uma constelação de símbolos de arquétipos que podem ser facilmente reconhecidos.¹

O VERDEJANTE “Se és *Khezr*, tu também podes passar através da montanha de *Qáf*, sem sofrimento.” (Sohravardî)

A “indicação de direção” de *Khezr* não consiste no fato de conduzir uniformemente todos os seus

discípulos para o mesmo fim, para uma téo-epifania idêntica para todos, como um teólogo pregando um dogma. Ele conduz cada um à sua própria téo-epifania – uma epifania da qual ele é o próprio testemunho, pois ela corresponde a seu “céu interior”, à forma própria de seu ser, à sua individualidade eterna (*ayn thâbita*), ou seja, o que Abû Yazîd Bastâmî denomina a “parte atribuída” a cada um dos seres espirituais e que, nas palavras de Ibn Arabî, é aquela parte dos Nomes divinos que está investida nele, o Nome sob o qual ele conhece seu Deus e sob o qual seu Deus o conhece, na correspondência entre o *Rabb* e o *marbûb*, entre o Senhor amoroso e seu vassalo.² Podemos entender esse ponto como a unidade entre o arquétipo espiritual do homem, o Deus pessoal ou Senhor (*Rabb*) e aquele de quem ele é o Senhor: isto é, o homem que ouve e é receptivo, o companheiro, o *marbûb*. Nesse sentido, todas as criaturas podem ser *marbûb*!

Assim, *Rabb* e *marbûb* – o Senhor do Amor e sua fiel criatura – caminham juntos.

3 “QUEM CONHECE A SI MESMO CONHECE A SEU SENHOR” Essa unidade indestrutível é tão preciosa que os versos do Alcorão, texto sagrado que proclama eminentemente essa salvação individual, assim a descrevem: “Ó alma, a paz penetrou, retorna a teu Senhor, alegra-te e espalha alegria!” (89/27).

Há uma alegria mútua, pois o Senhor para quem a aconselham a retornar, não é outro senão o próprio Ser interior, cujo nome ela chama e reconhece na imagem que carrega dentro de si mes-



ma, assim como Ele também se reconhece nela. Como os textos observam, é dada uma ordem de retornar – mas não ao Deus geral, a Alá, que é o Todo, mas ao seu próprio Senhor, que está manifestado dentro dela, aquele a quem ela responde: “*Labbayka*, aqui estou! Entra em meu Paraíso!” (89/29). E esse Paraíso não é senão o “Outro”, ou seja, a forma divina oculta em seu ser, a Imagem primordial secreta na qual ela se reconhece no “Outro” e por meio do “Outro”; aquela forma que precisamos contemplar para concluirmos que “Aquele que se conhece a si mesmo conhece a seu Senhor”.

Para o gnóstico que conseguiu realizar nesse “si mesmo” essa ligação íntima entre Criador e criatura, é uma alegria suprema, que tanto os teólogos como os filósofos ignoram, mas que é bem conhecida daquele que crê pura e simplesmente, pois os teólogos e filósofos apenas meditam sobre a criatura como um contingente, opondo-a ao Ser Necessário por meio de uma ciência muito inferior a Deus, pois a alma somente conhece a si mesma como uma criatura e nada mais – um conhecimento puramente negativo que não traz tranquilidade ao coração. A autêntica sabedoria mística (*ma'rifa*), equivale, para a alma, a conhecer-se como uma teofania, uma forma própria na qual os Atributos divinos são uma revelação sublime de Deus – Atributos que seriam incognoscíveis para ela, se ela não os descobrisse e percebesse dentro de si mesma. “Quando entrares em meu paraíso, terás entrado em ti mesma (em tua alma *nafs*), e te conhecerás com outro conhecimento, diferente do que

tinhas quando conhecias a teu Senhor mediante o conhecimento que tinhas de ti mesma”, pois “daí para a frente, O conheces, a Ele, e é por meio Dele que te conheces”.

A partir desse momento, não pode haver contradição entre a fidelidade a seu próprio Senhor e a vocação do místico que se inclina ao arquétipo do Homem Perfeito, ou, melhor dizendo, a contradição somente apareceria no plano das evidências e oposições racionais. A ordem divina é “retorna a teu Senhor” (e não a Alá em geral): é porque, em nosso Senhor podemos alcançar o Senhor dos Senhores, que se mostra em cada Senhor, ou seja: é por meio da fidelidade a esse Senhor absolutamente próprio de cada um, é em seu divino Nome que servimos a Ele com propriedade, que nos tornamos presentes na totalidade dos Nomes, pois a experiência espiritual não alcança essa totalidade como se fossem peças de uma coleção ou como juntamos os conceitos de um sistema filosófico.³

4 “ALI É AMIGO (WALÍ) DE DEUS” Um primeiro ponto é que o *Imã* vive em um local misterioso que a geografia empírica não consegue controlar: esse lugar não pode ser encontrado em nenhum mapa. Esse “lugar fora de lugar” também não tem topografia. Um segundo ponto é que a vida não é limitada pelas condições de nosso mundo material visível com as leis biológicas que conhecemos. Há acontecimentos na vida do *Imã* oculto – fala-se até que tem cinco filhos que são os governantes de cidades misteriosas. Um terceiro ponto é que, em sua última carta a seu último representante visível, o *Imã* adverte contra a impostura das pessoas que pretendiam invocá-lo, dizendo que o viram, para reivindicar em seu nome um papel público, político. Mas o *Imã* jamais deixou de se manifestar para ir em socorro de alguém que estivesse aflito, material ou moralmente, como um viajante perdido, por exemplo, ou um crente em desespero. Mas essas manifestações acontecem unicamente por iniciativa do *Imã*, e, na maioria das vezes, ele surge sob o aspecto de um jovem de beleza sobrenatural, e aquele a quem foi dado o privilégio-

“Quando entrares em meu paraíso, terás entrado em ti mesma (em tua alma ‘*nafs*’), e te conhecerás com outro conhecimento, diferente do que tinhas...”

gio dessa visão, somente toma consciência depois, mais tarde, de tê-lo visto. Essas manifestações sempre são envolvidas em uma estrita incógnita: é porque aqui o aspecto religioso jamais pode ser socializado. Afinal, a mesma incógnita envolve os companheiros do *Imã*, essa elite entre as elites, composta de jovens que estão a seu serviço. Eles formam uma hierarquia esotérica de número estritamente limitado e que se mantém por meio de substituição de geração em geração. Essa cavalaria mística que rodeia o *Imã* é tão estritamente secreta quanto os cavaleiros do Graal, pois não se é conduzido a eles senão por eles mesmos. Mas quem for conduzido, terá penetrado por um momento no “oitavo clima”, terá estado por instantes “na totalidade do Céu de sua alma”.⁴

5 MAIS TRÊS REFLEXÕES

a) Não somos mais os participantes de ■ uma cultura tradicional; vivemos em uma civilização científica que expande seu domínio, pode-se dizer, até sobre as imagens. Hoje, é lugar comum falarmos de uma “civilização da imagem” (pensemos aqui em nossas revistas, no cinema, na televisão). Mas perguntamos se, como todos os lugares comuns, este não envolve um mal-entendido radical, um completo engano. Porque, ao invés da imagem ser alçada para um mundo que lhe seja próprio, ao invés de aparecer investida de uma função simbólica, que conduza a um significado interior, trata-se, sobretudo, de reduzir a imagem até o nível da percepção sensível pura e simples, e, dessa forma, trata-se até mesmo de uma degradação de-

finitiva da imagem. Por isso não é o caso de ser necessário dizer que quanto mais essa redução tem sucesso, mais o sentido do fictício é perdido e mais se é condenado a produzir apenas o imaginário?

b) Em segundo lugar, será que todas as imagens, a cenografia de uma história como a viagem para a Ilha Verde, ou o encontro inesperado com o *Imã* interior em um oásis desconhecido – tudo isso poderia acontecer sem o fato inicial, o objetivo absolutamente primeiro e irreduzível (*Urphaenomen*), de um mundo de imagens-arquétipo ou imagens-fonte, de origem não racional que não podemos explicar, que não podemos prever quando irão surgir em nosso mundo, mas que possuem postulados que se impõem por serem inconfundíveis e inegáveis?

c) Em terceiro lugar, não seria exatamente esse postulado da objetividade do mundo imaginário que certas figuras e certos emblemas simbólicos (herméticos, cabalistas, ou até mandalas) nos propõem e nos impõem, tendo a virtude de operar uma magia de imagens mentais, à medida que essas imagens vão ganhando uma realidade objetiva?⁵ ✪

Fontes:

1, 4 e 5 Henry Corbin, *Face de Dieu, face de l'homme* (Face de Deus, face do homem).

2 e 3 Henry Corbin, *L'imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn Arabi*. (A imaginação criadora no sufismo de Ibn Arabi)

a cidade, espelho das aspirações

Deseja chegar a seu destino? Se você estiver de carro na cidade, dirigindo para seu objetivo, um GPS vai lhe mostrar a próxima mudança de rumo. Os equipamentos mais velhos têm a desvantagem de que você perde o contexto mais amplo, e as estradas e bairros se apresentam de forma diferente da atual. Pergunte para quem vive nessa cidade. Essa pessoa está aí, nessa cidade há alguns anos. Ela a escolheu para passar sua vida aí porque as forças atrativas são maiores do que as repulsivas. Forças de atração ►

ESSAS LIGAÇÕES DETERMINAM NOSSA SITUACÃO ATUAL Num mapa, tudo isso seria um monte de linhas traçadas em vários sentidos. Cada linha liga um ponto de atração ou repulsão à pessoa que deseja ou rejeita. No meio dessa rede de linhas, a pessoa escolhe sua posição atual na Terra. De modo inverso, é também por todas essas linhas que essa posição é determinada. E um equilíbrio semelhante se desenha para todos os habitantes da cidade. No mapa, toda essa rede de traços forma uma mancha negra que representa a cidade como uma concentração de pessoas. Todas essas manchas negras são de importantes fatores como a escolha de política econômica, a infraestrutura das ruas, as exigências linguísticas, a utilização, a geologia da região com suas planícies e rios, seu solo e seu clima. Tudo isso determina os equilíbrios energéticos de concentrações humanas em cidades e vilas. Se extrapolarmos, veremos como cada habitante da Terra se situa no centro de um feixe de linhas que cercam o planeta.

LIGAÇÕES COM O SISTEMA SOLAR Do mesmo modo que a Terra se move em equilíbrio sutil em interação com os planetas, o sol, a lua, as estrelas, assim também os indivíduos se movem em função das influências prementes dos planetas e das estrelas. Podemos supor que no passado esse relógio cósmico dos astros também tenha funcionado para levar os seres humanos a se concentrarem em certos lugares e a ali construir uma cidade. Não é



significam “Desejo estar perto desse lugar”. Forças repulsivas equivalem a dizer: “Não quero viver nesse lugar”. O que atrai: a proximidade com a família, amigos, conhecidos e amenidades, a empresa onde você trabalha, a energia criativa da cidade, o convívio. O que repele: a atmosfera em algumas partes da cidade, o dinamismo excessivo, um ritmo urbano cada vez mais cansativo, uma cidade barulhenta, as condições geológicas, a desesperança, a densidade da população, a falta de espaço vital.



Certas cidades revelam formas características: Bruxelas, o pentagrama; Paris, o hexagrama; Moscou e Berlim, o círculo; Madri, um triângulo isósceles

raro que arqueólogos descubram num mesmo lugar cidades de épocas diferentes superpostas. Algumas vezes diretamente situadas uma sobre a outra, como andares de uma mesma casa, outras vezes separadas pela espessa camada da areia do esquecimento. A eventual reutilização de materiais de construção poderia também orientar a escolha do local.

CONSTRUÇÃO URBANA A construção de uma nova cidade pode ser feita seja com base em um plano preestabelecido, seja de forma orgânica, quando prevalecem as sucessivas escolhas individuais. Se observarmos a morfologia das cidades num atlas ou no *Google maps*, veremos que algumas revelam formas características: Bruxelas, o pentagrama; Paris, o hexagrama; Moscou e Berlim, o círculo; Madri, um triângulo isósceles.

A UTOPIA: A INTERAÇÃO ENTRE FORMA E CONSCIÊNCIA, ENTRE TERRA E COSMOS
Doris Lessing, em seu romance utópico *Shikasta*, explica como as mais antigas cidades foram construídas segundo determinadas formas. Sob a condução de uma inteligência superior, elas deveriam se ajustar exatamente à rede de linhas de força cósmicas, com a finalidade de serem receptáculos da sabedoria do universo. Catalisada por formas geométricas da cidade, a sabedoria captada poderia influenciar a consciência de seus habitantes, desde que eles estivessem positivamente dispostos a responder a ela. Quando a atitude

de alguém, no nível dos pensamentos ou das ações, estava em desacordo, essa pessoa se retirava voluntária e definitivamente da cidade, porque estar exposta à sua influência a deixava doente. Isso é o que aprendemos nessa instrutiva utopia de *Shikasta*.

A REDE VITAL DA TERRA Consideremos a Terra um organismo vivo e consciente e o homem um ser dotado de uma consciência superior que mantém um relacionamento particular com a Terra viva.

Assim como o sistema humano está organizado em torno de uma estrutura de troca de energia chamada chacras, assim também está a Terra. De fato, entre um polo norte de inspiração e um polo sul de expiração, há uma rede de linhas e de lugares onde as energias passam e se concentram. Isso em correlação com a paisagem, as correntes de água, a presença eventual de metais polarizados pelo planeta, os cristais, as árvores e a vegetação. Sem esquecer o sol e a lua. As ondas de vida animal e humana se deslocam em função das energias da rede da Terra. Seja harmoniosamente, isto é, de acordo com o saber intuitivo, seja em discordância, resultado da presunção. Neste caso, o indivíduo é levado à morte, mas ao mesmo tempo, devido à sua obstinação, algo morre no seio da Terra.

O ABANDONO DAS LUZES DA LINGUAGEM DA ALMA Um exemplo muito recente é a rejeição enérgica da contribuição do Iluminismo,

que resultou na negação da intuição como linguagem da alma. Isso levou ao domínio do espírito racional do intelecto e, consequentemente, à hegemonia do materialismo; ao esquecimento de que a Terra é um organismo vivo do qual os seres humanos são parte intrínseca; aos critérios finais da aquisição de bens, de energia e de matérias-primas como realidade do funcionamento do comércio.

CULTURA EM GRANDE ESCALA Esse desejo de racionalidade da matéria e do mundo, subsequente ao abandono do saber interior, gerou a cultura em grande escala e o esgotamento do solo. A exploração dos recursos do subsolo desequilibra na crosta terrestre a distribuição de minerais, pedras preciosas, cristais, petróleo e de tudo que se transforma em energia. Outra consequência é a montanha de detritos e até o derramamento, no espaço, de detritos humanos vindos de aeronaves em órbita. A mineração e a indústria de produtos derivados em benefício do desenvolvimento urbano modificam a ligação energética harmoniosa entre os habitantes e seu entorno, o que não deixa de causar impacto em suas consciências. Assim, a cidade moderna, em sua concepção e implementação, nos apresenta detalhadamente o estrato coletivo da alma dos habitantes da cidade e do subúrbio.

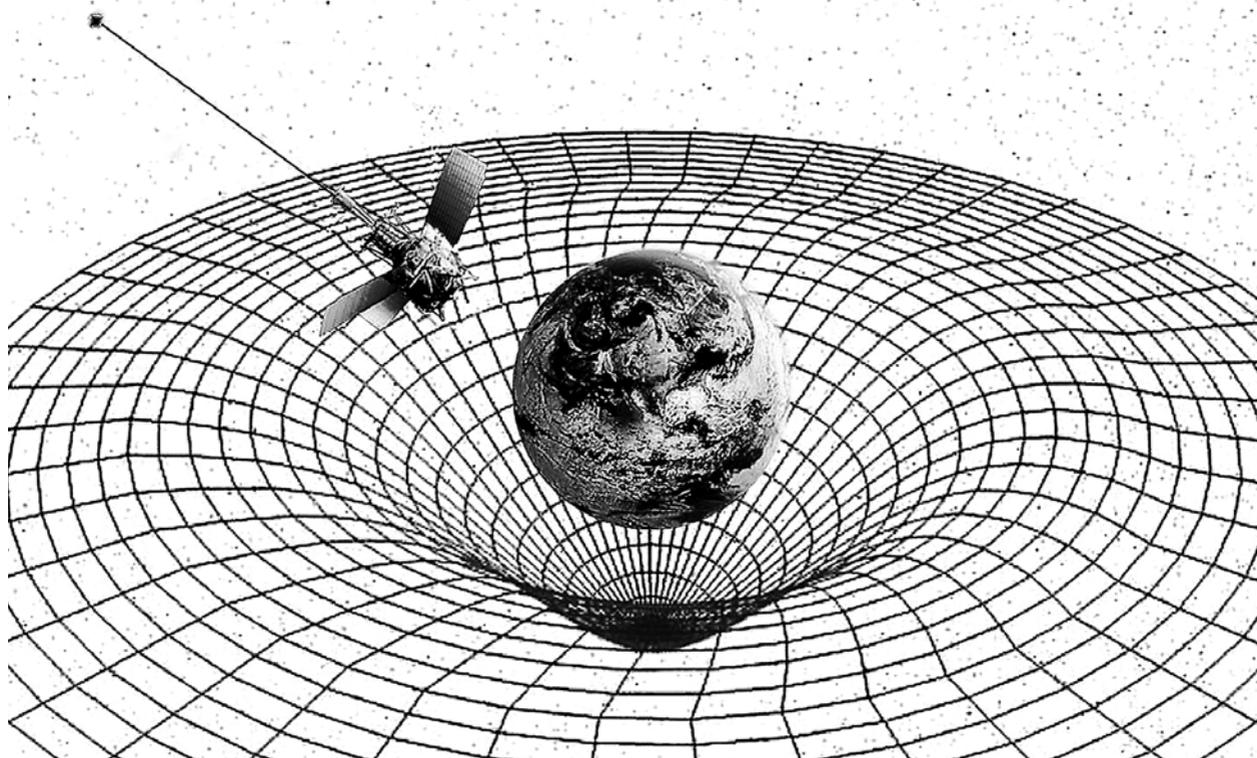
A AMBIÇÃO DOS ARRANHA-CÉUS NO CENTRO DAS CIDADES Observando as cidades mais

modernas, diríamos que há uma competição em escala mundial quanto a qual delas elevará uma torre mais alta, mais prodigiosa - uma *San Gimignano* em grande escala - essa pequena cidade da Toscana onde os cidadãos da Renascença se rivalizavam para construir em sua residência a torre mais elevada.

Qual o significado desse desejo de construir sempre mais alto? À primeira vista, é a expressão tipicamente masculina de poder e dinheiro. Mais profundamente, há, no caso de uma cidade, o desejo de apontar para o céu, ou seja, de alcançá-lo. A cidade se manifesta portanto como o espelho dos desejos. Talvez o leitor conheça *Kitesh*, a cidade celeste evocada no equivalente russo da lenda do graal.

A CIDADE DESEJADA As utopias pertencem a uma categoria particular de projetos de cidades. Se alguma manifesta um desejo superior, uma imagem surgida do coração, um ideal, é exatamente na utopia. Segundo o estado do coração e a pureza de sua aspiração, a cidade utópica situa-se em algum lugar entre o Céu e a Terra.

As utopias podem representar sociedades ideais e, por meio delas, a organização urbana ideal. Evidentemente elas são também realizadas na matéria, mas a maioria não foi além da descrição de um autor visionário ou da prancha de desenho de um arquiteto vanguardista. Acontece que as utopias visam a representar uma elevada cidade de almas, cujo plano é eminentemente simbólico. É so-



bre isso que nos falam *Shikasta*, de Doris Lessing, *A cidade do sol*, de Campanella, e mesmo a *Utopia*, de Thomas More, mas sobretudo *Christianopolis*, de Valentin Andreae.

UM PASSEIO ATRAVÉS DA CIDADE DO SER?

Passeamos através de uma mandala? Uma mandala seria um plano, um guia para a consciência, para a alma? O que é verdadeiro para o indivíduo com relação à cidade seria também para a cidade em relação ao ser coletivo do conjunto de habitantes?

A CIDADE DO ESPÍRITO TEM UM CENTRO

MÁGICO Vamos sobrevoar o campo espiritual com o auxílio de três livros: o *Apocalipse*, *Christianopolis* e uma descrição da *Kaaba*, a pedra mítica no centro de Meca, a cidade santa do Islã. A linguagem e as imagens utilizadas são simbólicas e míticas.

A JERUSALÉM CELESTE “[Ele] me transportou, em espírito, até a uma grande e elevada montanha e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, a qual tem a glória de Deus. O seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspé cristalina. Tinha grande e alta muralha, doze portas, e, junto às portas, doze anjos, e, sobre elas, nomes inscritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel. Três portas se achavam a leste, três, ao norte, três, ao sul, e três, a oeste. A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. Aquele que falava comigo tinha por medida uma vara de ouro para medir a cidade, as suas portas e a sua muralha. A cidade é quadrangular, de comprimento e largura iguais. E mediu a cidade com a vara até doze mil estádios. O seu comprimento,

Christianopolis: sua forma é a de um quadrado, cujos lados atingem setecentos pés, bem fortificado por quatro torres e uma muralha

largura e altura são iguais. Mediu também a sua muralha, cento e quarenta e quatro côvados, medida de homem, isto é, de anjo. [...] a cidade é de ouro puro, semelhante a vidro límpido. [...] Nela, jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no Livro da Vida do Cordeiro. [...] No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos.” (*Apocalipse* 21 e 22, extratos)

CHRISTIANOPOLIS “Começarei por descrever-vos o aspecto da cidade e esforçar-me-ei para não cometer erros! Sua forma é a de um quadrado, cujos lados atingem setecentos pés, bem fortificado por quatro torres e uma muralha. Conseqüentemente, a cidade está orientada na direção dos quatro pontos cardeais da Terra. Oito outras torres, muito sólidas, distribuídas pela cidade, aumentam seu poderio. Ainda há dezesseis torres de menor importância, mas que é preciso não negligenciar. Em seu centro encontra-se uma fortaleza quase inexpugnável. As construções estão divididas em duas fileiras, ou, se considerarmos a sede do governo e os entrepostos,

em quatro fileiras. Existe somente uma rua pública e apenas uma praça de mercado, mas são de grande importância. A partir da rua mais interna, cuja largura é de vinte pés, e indo na direção do centro, a fileira de casas, os jardins, a universidade e a praça têm, sucessivamente, vinte e cinco, trinta, trinta e cinco, quarenta e quarenta e cinco pés de largura; portanto, cinco pés a mais cada vez, até o templo circular, no centro, que tem um diâmetro de cem pés. [...] Todas as construções possuem três andares, ligados por escadas comuns.” (*Christianopolis*, Andreae, J.V.)

A KAABA “Uma vez em sua vida, quando atinge certa maturidade de experiência, o peregrino segue para Meca. O destino da viagem é uma construção de forma quadrada, de trinta pés de altura, chamada *Kaaba*, situada no meio da gigantesca praça interior de uma mesquita. Na *Kaaba* encontra-se uma pedra branca tornada negra por ter sido tocada por inúmeros peregrinos, tradição que remonta ao Paraíso. A pedra é o símbolo de Vênus, o espírito do quarto dia da criação, o espírito de amor que é Deus mesmo, esse amor que o homem deve também aperfeiçoar em nossos dias. A alguma distância desse cubo estão construídos muros de mármore, pouco eleva-

A busca toma formas diversas, pois estamos todos a caminho desde há muito e tomamos caminhos diferentes

dos, ao longo dos quais o peregrino dá sete voltas ao redor da *Kaaba*.”

O TEMPLO QUE ESTÁ NO MEIO Os dois primeiros fragmentos apresentam imagens de uma cidade ideal e utópica; o terceiro descreve uma construção material em uma praça. Nos três casos, o plano tem a forma de um quadrado. Por duas vezes trata-se de um cubo, pois a terceira dimensão é igual aos lados do plano. Uma vez trata-se de casas de três andares; duas vezes são citados os quatro pontos cardeais. Nessas três descrições, fica muito claro que o essencial é o centro. É dito que no centro da nova Jerusalém cresce a árvore da vida. A *Kaaba* situa-se no centro de imenso pátio interior e é no interior da *Kaaba* que se encontra a pedra branca, símbolo de Vênus. No centro de Christianopolis, cidade quadrada, está erigido um templo circular.

O CENTRO A cidade que habitamos é uma das várias representações da consciência coletiva de seus habitantes. Os três exemplos supracitados referem-se a tradições religiosas e descrevem planos simetricamente construídos ao redor de um centro. Esses planos são muito parecidos com mandalas, as representações do desenvolvimento da alma, que têm

o ser como centro. Nosso centro de seres humanos situa-se no coração, é o ponto onde o homem-deus pode se elevar, o que começa com o crescimento da alma.

FORÇAS PLANETÁRIAS PARTICULARES Vivemos numa época particular, a da transição para a era de Aquário. Correntes de forças de influências muito específicas afluem do cosmo para a Terra, dos chamados planetas dos mistérios do nosso sistema solar. O resultado notório é que cada vez mais pessoas estão empreendendo uma busca. Elas começam a se fazer numerosas perguntas que, às vezes, tentam rejeitar para se livrar da inquietude que elas suscitam. No entanto, progressivamente, passam da negação à busca de perspectivas que tragam respostas a estas questões fundamentais: Quem sou? De onde vim? Para onde vou? A busca toma formas diversas segundo as pessoas. Isto é inevitável, pois estamos todos a caminho desde há muito e tomamos caminhos diferentes. É forçoso constatar também que, prisioneiros desse feixe de linhas de desejos e apegos, acabamos nesta cidade.

O CENTRO, FONTE PARA NOSSO SER O fato de nos desfazermos de nossos laços e apegos modifica nossa estrutura interna. Desse

momento em diante, não somos apenas uma mancha negra, como um novelo de fios, de ligações. Cria-se um espaço para uma ampliação e, a seguir, para um influxo de Luz proveniente do centro. Nossa estrutura interior torna-se mais transparente, ela se conforma às linhas de força do espírito do universo. Uma nova cidade é construída em nosso interior.

O TEMPLO, OFICINA MÁGICA CENTRAL O que é um templo senão um lugar de reunião de tal pureza que permite que as pessoas presentes entrem magicamente em sintonia com pensamentos e sentimentos com base em uma aspiração muito específica? Ali é liberada uma grande energia. Por meio de imagens, as pessoas reunidas na alma da cidade são tocadas e envolvidas por um fluxo de energia de vibração superior. Evidentemente, elas espalham essa corrente de energia pela cidade, pela região. Em resumo: a exemplo do caso da concentração humana na cidade, conforme descrito acima, no templo há um funcionamento que influencia a consciência dos seres presentes.

MOVIDOS POR UMA ASPIRAÇÃO Vale ressaltar que cada integrante do grupo pode testar a cor dessa luz em seus próprios desejos mais profundos, no centro de sua alma, e até mesmo determinar se o fluxo de energia também lhe dá a força para continuar a definir o caminho interior de descoberta para o seu

próprio centro individual. Afinal, a resposta à pergunta: “Para onde eu realmente quero ir?” é decisiva para determinar sua resposta individual. Essa questão pressupõe um caminho, um colocar-se em movimento, um objetivo a seguir, um mapa, um plano onde figurem as indicações, os acessos, os eixos e o centro. Quando a aspiração está focada no próprio centro, no interior, o mapa da cidade é uma projeção do ser interior. No meio será erguido o templo ou árvore da vida, cujas folhas servirão para a cura de todos os homens...

O EIXO DO ESPÍRITO A mandala é uma imagem da alma, de um caminho para o centro. No plano coletivo, a nova cidade, a nova Jerusalém, é a imagem da alma coletiva estruturada num único campo. Uma mandala tem apenas um centro, uma única árvore da vida. A árvore de uma pessoa coincide com a árvore da coletividade. O eixo do espírito que dá acesso a todas as dimensões é o do influxo de energia da Luz, o influxo de informações que doam luz, o influxo do espírito. É a energia luminosa que, com o tempo, tomará a forma de uma estrutura permanente de fios de luz em nossa alma: a nova Jerusalém individual, uma estrutura estável, um corpo-alma. Uma alma renascida dotada de um novo sistema é uma alma livre em consonância com as vibrações do espírito. Como uma águia que, de asas totalmente abertas, pode se elevar para longe dos desejos deixados para trás, lá embaixo, na velha cidade. ☸



Para comemorar os 400 Anos da *Fama Fraternitatis*, a editora brasileira do Lectorium Rosicrucianum, a Pentagrama Publicações, participou da feira de livros mais importante do Brasil: a 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

Sob um mesmo teto, cobrindo uma área de 60.000 m², a Bienal Internacional do Livro é um evento que dura 10 dias e acontece a cada dois anos; reúne as principais editoras, livrarias e distribuidores do país e apresenta os principais lançamentos editoriais a mais de 1 milhão de visitantes. O evento atrai o mais variado público, incluindo crianças, jovens e adultos, bem como pessoas do mundo dos negócios, jornalistas e escritores de todo o mundo.



Neste estande da Pentagrama Publicações, foram expostas obras clássicas e contemporâneas sobre a Gnosis, a filosofia hermética e a tradição Rosa-Cruz. O foco da Pentagrama Publicações neste evento foi comemorar os 400 anos da primeira edição do livro *Fama Fraternitatis*, o primeiro manifesto do movimento rosa-cruz clássico, que abalou as estruturas religiosas, políticas e acadêmicas do mundo em sua época.

Além da Série *Os segredos da Fraternidade Rosa-Cruz* (com todos os manifestos rosa-cruzes: *Fama Fraternitatis*, *Confessio Fraternitatis* e *As Núpcias Alquímicas de Cristão Rosacruz*) o carro chefe foi um livro do século XX: *O Livro de Mirdad*, do premiado autor Mikhail Naimy. Podiam também ser encontrados os evangelhos apócrifos, como *O Evangelho dos Doze Santos*, *O Evangelho de Maria*, *O Evangelho de João*, além de literatura infanto-juvenil.

o plano espelha-se no silêncio

São fascinantes esses padrões digitais fractais, de esplêndido colorido que, na tela, parecem surgir do nada, sempre harmoniosamente, com variações de uma surpreendente e empolgante multiplicidade. Eles prendem nosso olhar especialmente quando vemos que se formam de acordo com um plano, em todas as suas ricas variações, seguindo as leis lógicas da matemática e da ciência natural.

Atualmente, há excelentes documentários, igualmente fascinantes, sobre a natureza nas florestas virgens e oceanos, em regiões polares e cordilheiras ou sobre o micro-mundo no interior do corpo humano. Diante deles, ficamos atônitos de admiração: tudo isso é vida em nosso planeta!

A partir do momento em que a Teoria da Evolução foi publicada, deixou de ser considerado óbvio que tudo isso segue um plano: alguns cientistas acham que é meramente “acaso e seleção”. Dizem: “Realmente, é acaso cego”. Não seria mais honesto admitir a admiração quanto ao fato de que cada átomo, cada célula segue um caminho, um plano inteiramente próprio? Vemos como os átomos formam células de modo perfeitamente sistemático, como as células formam os diversos órgãos específicos seguindo inequivocamente um plano, um padrão determinado, como é infinitamente complexo o plano no qual se baseia o fenômeno “homem”. Então podemos, de coração, estar em unidade com as palavras do ideário de Hermes Trismegisto: “O homem é um prodígio, ó Asclépio.”

Constatamos esse prodígio principalmente quanto a tudo aquilo que o homem, em todos os tempos, produziu em cultura, arte, música, em textos de sábios, para impulsionar a consciência e levá-la a um processo de desenvolvimento “sistemático”.

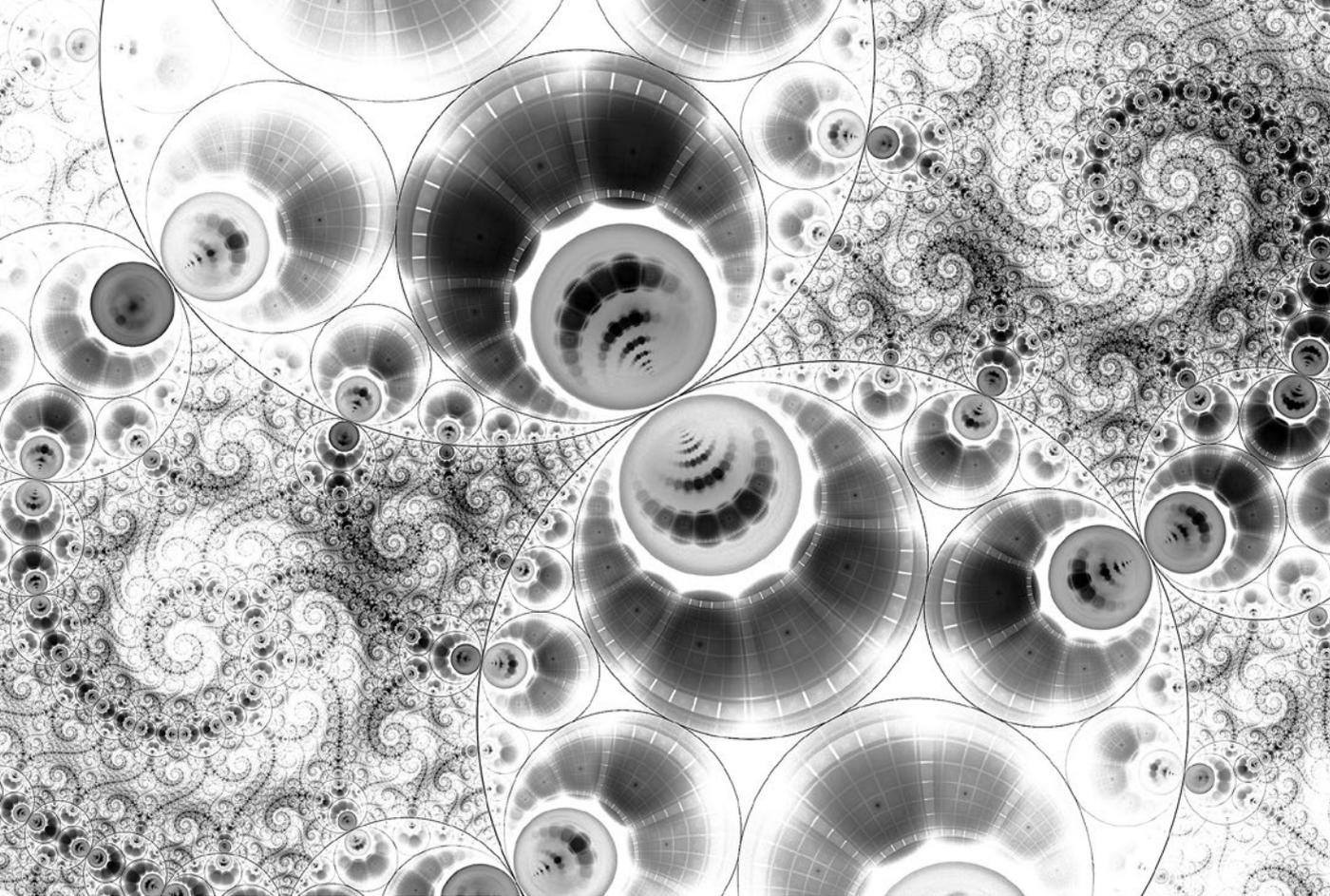
O *Bhagavad Gita*, livro sagrado dos mais antigos dias da humanidade, diz ao homem:

“Eu sou o espírito que reside, insondável, nas profundezas da alma de cada criatura; sou o iní-

cio, o meio e o fim de todas as coisas, seu princípio, sua vida e sua dissolução. Sou o fator que atua no reino das forças, a sabedoria dos sábios e a luz dos olhos, o criador do todo e aquele que o sustenta, a origem do universo e também o fim de todas as coisas. Sou o silêncio onde reside o mistério de Deus. De cada coisa eu sou a semente, em cada força, a força elementar de todas as forças, em toda existência, sou a origem do ser; pois eu sou tudo, sem mim nada existe. Em todas as coisas sou apenas eu-mesmo. Porém de mim emana o universo inteiro como manifestação de meu ser”.

Reverência e admiração são palavras-chave quando investigamos profundamente no plano. Os rosa-cruzes clássicos expressavam-no assim: “Ó, Senhor, toda benção e toda graça emanam de teu ser. Com teu dedo traçaste os sinais da natureza, e ninguém é capaz de decifrá-los sem antes ter aprendido em tua escola.”

Existe um plano sublime, e nós, humanos, somos uma parte dele. No interior do homem existe um impulso para criar, para realizar seu potencial. Mas em tudo se reconhece um impulso para a manifestação: também no reino vegetal, no reino animal, até mesmo no rio que corre das montanhas e procura todos os caminhos possíveis para alcançar seu destino de se lançar no mar, para depois evaporar de novo com o sol e cair como chuva benfazeja, sobre tudo o que cresce. De fato, esse impulso de realização é um grande milagre! Ele é inato em cada átomo de nosso mundo e de nosso ser:



está na base de todo nascimento, todo embrião, todo crescimento. O mais admirável é que, ao examinarmos a matéria, isto significa um plano de nascer, florescer e declinar. Nós, humanos, somos compostos de átomos que, desde que o mundo existe, servem para formar seres vivos! Tudo se sustenta dentro de outro ser e através de outro ser. Tudo é construído e novamente destruído e depois reaproveitado. Este é o curso circular da matéria. Todos entendem esse curso das coisas como absolutamente óbvio: o homem nasce e cresce para, em certo momento, parar com o crescimento. Este é o plano: é lei. Claro, a gente sempre imagina que continuaria crescendo sempre! Mesmo assim, o homem não sossega com isso: é exatamente aí que se baseia, por exemplo, a lógica da ideia de que o crescimento econômico poderia prosseguir até o infinito. Afirmam-se que, na realidade, estamos em uma crise e, nessa linha de pensamento, os números são explicados como “crescimento negativo”, mas, em seguida, o crescimento continua, nunca chega a um fim – tal é a firme convicção de nossos economistas enquanto que, o normal de nosso mundo é tão evidente: nascer, florescer e

declinar! O pai dessa ideia de crescimento contínuo é o anseio do homem de conservar o que possui e o que conhece. Deixar algo para trás já é uma dificuldade para ele.

Para onde deveríamos então direcionar nosso anseio? A matéria é o nosso ponto de apoio. Quando as Torres Gêmeas desabaram, imediatamente construímos novas. Shangi está construindo torres ainda mais altas e, em Dubai, ergue-se a mais alta de todas. O impulso de fazer construções monumentais é parte de nosso ser – as milhares de ruínas gigantescas que existem em toda parte do mundo comprovam que tudo desmorona de novo. É raro existir algo, na matéria, que resiste por mais tempo, como as pirâmides; mas, em geral, é justamente o não material, a herança espiritual, que subsiste – como, por exemplo, o *Bhagavad Gita* e os textos de Hermes.

Então: qual seria o plano? Qual a intenção? O que, enfim, precisamos realizar, mesmo? Será que existe apenas o curso circular da matéria ou também existe um crescimento espiritual sem fim? Mesmo quando sentimos certa nostalgia, uma vontade de realizar alguma coisa, de reestabelecer algo, de viver uma



Tudo começa com a busca por tranquilidade, porque somente na quietude, em um ambiente sereno, é que imagens do plano podem ser vivenciadas na alma.

felicidade perene, em harmonia e paz interior, continuamos sentido o desligamento destruidor e a decadência – assim como nós próprios entramos em decadência.

Tudo tem dois lados! Hermes diz: “Dentre todas as criaturas da Terra, só o homem é duplo: mortal, segundo o corpo; e imortal, segundo a alma”. De forma análoga consta na Bíblia, que é o livro da sabedoria Ocidental, que nenhum processo de desenvolvimento desta natureza significa algo senão “ser uma nova criatura”. Será esse o mistério do plano? Trata-se de realizar a renovação espiritual, a transformação, a transfiguração? E isso se daria neste mundo material? Como? Parece impossível. Nossa atenção, mesmo quando não estamos prestando atenção, é continuamente determinada pela matéria. Na realidade – quando não estamos prestando atenção! Mas existe a consciência: ela pode começar a compreender que a matéria é destinada a ser uma escola, jamais o objetivo! Vai perceber que

aí ressoa um chamado sublime, como a voz calma do espírito “que reside nas profundezas da alma, insondável, em cada ser”. Uma consciência, uma lembrança que está na alma, que, como diz Platão, sempre foi e é – inconsciente – porém que é abafada com demasiada rapidez. Não obstante, ela consegue cada vez mais espaço, na tranquila quietude do centro, no qual uma inspiração diferente fortalece o anseio da alma. É uma ação recíproca: a qualidade dessa consciência determina a qualidade do anseio da alma. Tudo começa com a busca pela tranquilidade, geralmente fora de nós e ao nosso redor, mas com certeza, também em nosso interior, porque somente na quietude, em um ambiente sereno, é que imagens do plano podem ser vivenciadas na alma. Isso exige dedicação e concentração!

Crescimento espiritual é, portanto, uma questão de uma nova consciência, com base em um novo anseio. Será então um anseio por evadir-se do mundo? No passado, os gnósticos, os maniqueus e os buscadores autênticos foram censurados porque as pessoas entendiam que pregavam a fuga do mundo. No entanto, um chamado espiritual vai além do apego à matéria. O anseio da alma pela cura, pela santificação, atinge o mundo inteiro e a humanidade inteira e, como nova criação, nesse sentido, podemos ter algum significado para nosso próximo. Hermes diz: “O que está embaixo é igual ao que está em cima. O que está em cima é igual ao que está embaixo para que se realize o milagre do Uno”. ☼



Em nosso estande, a ideia foi apresentar cada livro como uma joia, um tesouro, e que o próprio estande fosse um refúgio acolhedor. Muitos alunos vieram de vários campos de trabalho: arquitetos, designers e alunos com muitos outros talentos se uniram para desenhar e desenvolver esse lugar especial. Sua construção e decoração foram realizadas em alegria e harmonia. Na verdade, como descreveu um membro da direção espiritual internacional: “A Escola veio para uma das esquinas do mundo trazer o Ensino Universal, trazer a mensagem de libertação e transformação do ser humano... compartilhar aquilo que descobrimos como verdadeiro tesouro com toda a humanidade, abertamente e com grande alegria.”

marta e maria

“Estando em viagem, entrou num povoado, e certa mulher, chamada Marta, recebeu-o em sua casa. Sua irmã, chamada Maria, ficou sentada aos pés do Senhor, escutando-lhe a palavra. Marta estava ocupada pelo muito serviço. Parando, por fim, disse: ‘Senhor, a ti não importa que minha irmã me deixe sozinha a fazer o serviço? Dize-lhe, pois, que me ajude’. O Senhor, porém, respondeu: Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, na verdade uma só. Maria, com efeito, escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.” (Lucas 10:41-42)



Cristo na casa de Marta e Maria. Gravura de Johannes de Sadeler, por Bassano, 1598, Rotterdã (Museu Boijmans Van Beuningen, Rotterdã)

As histórias míticas e nas narrativas bíblicas, os personagens encarnam os diferentes aspectos do ser humano, assim como as forças que o animam. O pássaro de fogo, por exemplo, evoca o renascimento do Novo Homem em nós.

Na Bíblia, Tomé, que hesita entre duas convicções, representa aquele que está dividido internamente; Felipe simboliza aquele que está ligado a seus ideais; e João, a força interior que endireita os caminhos para uma consciência que virá posteriormente.

Com Marta e Maria, estamos na presença de duas figuras bastante diferentes: uma está muito atarefada no preparo do alimento para servir seu hóspede; a outra está voltada unicamente para o que o Mestre está dizendo. Contudo, simbolicamente, Maria e Marta representam diferentes aspectos da aprendizagem na qual tudo gira à volta de um ponto central: o convidado excepcional, o Outro em nós – Jesus.

Maria, Marta e Cristo estão, todos os três, em nós. Mas qual seria a relação entre eles?

Maria é a contemplativa, que está voltada para o átomo-centelha do Espírito, o princípio crístico de onde provém toda sabedoria. Mas, se tivéssemos que parar por aí, não haveria nenhuma transformação em nós. É por isso que Marta demonstra o princípio servidor de ação que está realizando. Há dois aspectos distintos na ação: a ligação a uma força interior, e uma atividade exterior que, por um lado é expressa na vida diária e, por outro lado, em uma escola que realiza o trabalho de libertação

espiritual da humanidade. Portanto, depois de Maria – a contemplação – vem uma vida de ação interior por meio da qual o Outro, o Cristo, se manifesta. É então que enxergamos para onde a Luz deseja nos conduzir, e percebemos como ela impregna nosso pensamento, nosso sentir e nossa vontade, permitindo, assim, que possamos nos alçar para uma vida mais elevada. Explica-se: o que percebemos internamente deve ser seguido por uma decisão da vontade, que será testemunhada pelo comportamento exterior. Tudo isto é Marta. Se tudo correr bem, Marta irá trabalhar a partir dessa ligação interior. No evangelho, Jesus dirige-se a Marta nesse nível. No entanto, Maria, a contemplativa, também se expressa em nossa vida exterior: ela representa tudo o que irradiamos.

Isto está em sintonia com o novo comportamento que nos permite participar da Grande Obra. Geralmente nos vemos frente a frente com o seguinte dilema: agir visando à libertação, ou não agir, preferindo deixar a água divina escoar no campo de Deus. Este é um dilema que não podemos solucionar escolhendo um elemento e deixando o outro de lado. Os dois aspectos, Maria e Marta, estão voltados para Cristo, e as duas irmãs devem chegar a uma colaboração harmoniosa. Enquanto estamos aprendendo a Arte alquímica de discernir e harmonizar, vivenciamos inúmeros momentos instrutivos – no dia a dia, em família, em nosso trabalho. Esses momentos são ricos de experiências para o caminho interior na

Grande Obra que estamos realizando juntos. Portanto, o caminho começa no coração, por meio de uma senda contemplativa voltada para o interior. O átomo-centelha do Espírito – o Cristo em nós – nos dá a visão, nos permite descobrir o objetivo da vida, de reconhecê-lo. É Maria que se volta para Cristo, para escutá-lo. Essa contemplação cria um espaço, uma nova consciência. Muitas pessoas estão em busca dessa renovação interior e é extremamente gratificante, pois uma aspiração sincera faz com que elas restabeleçam uma ligação com o Espírito de Deus. J. van Rijckenborgh explica esse fato no livro *A Fraternidade de Shamaballa*: “Sem o toque do Espírito Santo, não somos nada e nada podemos”. Mas acrescenta: “Sem o toque da Fraternidade Universal, não é possível haver nenhuma libertação e nenhum trabalho libertador para a humanidade poderá alcançar sua plena realização”.

Para que essa força do Espírito possa trabalhar em nós com toda liberdade, é preciso que haja um espaço para tanto. E é necessário que, depois da contemplação, aconteça um ato interior: e é aqui que Marta vem em auxílio de Maria. É criada uma cooperação entre Maria e Marta – entre a que contempla e a que serve e trabalha. A relação entre as duas não é fixa e suas atividades cambiantes se completam. Agora, vamos transpor isso para nós mesmos: esse trabalho pode ser cumprido em alegria, contudo ele também oferece muitos momentos instrutivos que

geralmente a personalidade não está buscando. Mas vamos considerá-lo positivamente: por exemplo, os encontros, os choques no trabalho, são experiências que podem ser um estímulo enorme. É absolutamente necessário manter os dois pés na terra, na realidade – a nossa realidade e a do mundo. Afinal, se a idealidade é pura por natureza, a realidade nos coloca à prova e revela nosso verdadeiro estado de ser.

Por outro lado, quando nos religamos à realidade participando do trabalho, somos imediatamente confrontados com a impureza: em nós, em nossos semelhantes, à nossa volta no mundo. E como poderia ser diferente? Este mundo, inclusive seus habitantes, não é perfeito e jamais será.

A Luz e seus mensageiros estão sempre cientes da impureza deste mundo e se ligam e se manifestam no próprio cerne da impureza. É somente quando a idealidade e a realidade trabalham em conjunto que a vitalidade e a força podem libertar-se. É assim que tudo se torna puro e nossa aprendizagem fica verdadeira.

Podemos ter certa tendência a projetar as irritações e resistências fora de nós, mas, na verdade, elas são forças que residem em nós, que nos mantêm em seu poder, e isso pode acontecer durante muito tempo, muitas vezes durante inúmeras encarnações, nas quais se manifestam estereótipos de pensamentos e sentimentos. E agora trata-se de não mais imaginar essas forças fora de nós, mas de observá-las em nós mesmos: este é um dos aspectos de Maria.

Maria, a contemplativa, e Marta, a que é ativa nos planos interior e exterior, começam uma cooperação frutífera em nós

Colocamos essas forças sob a Luz do átomo-centelha do Espírito e da força crística que, a partir desse centro, flui em nosso ser. É dessa observação que vão nascer novas formas de compreender. No início, as percebemos em nós mesmos. Depois, nos sentimos preenchidos de força, literalmente na grande Obra, no mundo – e esse aspecto é Marta. Assim, vemos como Maria, a contemplativa, e Marta, que representa a ação interior e exterior, começam uma cooperação frutífera em nós. É muito importante que, fortalecidos a partir de nossas novas tomadas de consciência não julgemos nossa antiga maneira de nos comportar, pois as novas perspectivas desejam justamente nos oferecer possibilidades de mudança e de renovação. Devemos rejeitar todo e qualquer sentimento de culpa, e dar aos outros, também, o direito de vivenciar suas próprias experiências. Assim, tudo se tornará mais leve para nós e para nossos semelhantes. Devemos fazer simplesmente o que é necessário. Aprender a aceitar que não somos indispensáveis em todos os lugares; e, se as coisas acontecerem de forma diferente do previsto, precisamos saber que talvez seja preferível assim. Vamos acrescentar nossa pedra ao conjunto, voltados para o objetivo único que consiste em liberar a força crística. Assim,

conseguiremos aceitar o fato de que a realidade sempre revela as deficiências – ao passo que, interiormente, nosso núcleo espiritual mantém puro nosso ideal.

Desse modo, contribuimos para espalhar essa pureza espiritual tal como uma vitalidade, como uma força de alma na realidade de nosso mundo. De fato: quando o coração e a alma participam plenamente da Grande Obra, quando os aspectos Maria e Marta estão presentes e bem compreendidos, então conseguimos nos orientar a partir da força crística e operamos com ela.

Nos livros *A fraternidade de Shamballa* e *O caminho universal*, J. van Rijckenborgh diz: “O Espírito Santo é o poder que transmite a vontade de Deus ao mundo e à humanidade. Aquilo que chamamos de ‘chamado’ ou ‘vocalização’ é o toque do Espírito Santo.

Quando ainda está brilhando a chama da vontade pessoal em um ser humano, todo o seu trabalho não passa de ambição dialética e gera dificuldades. A vontade do aspirante deve ser inflamada por Deus. Então, tornamo-nos conscientes de um prodígio e de um amor inconcebíveis. A Luz não se contenta em irradiar somente para iluminar nossa consciência e instruí-la. Ela desce em nossa realidade fragmentada, em nossa impureza e

Devemos buscar e encontrar o verdadeiro equilíbrio

aí penetra. Um contato pessoal se estabelece em nosso ser e aí se desenvolve, a fim de que, nesta força, possamos aniquilar nossa fraqueza e nossa impotência”.

Graças à cooperação de Maria e Marta voltadas para o Cristo, fica interiormente evidente o que é preciso ser feito ou ser abandonado. Consequentemente, todos os obstáculos pessoais podem desaparecer.

Já não poderemos observar os motivos das ações de ninguém. Há apenas uma pessoa que podemos transformar: nós mesmos. Somente nós podemos saber, com toda sinceridade, quando será a hora de Maria ou de Marta se manifestarem. Mas um grupo e uma escola são, também, a partir deste ponto de vista, de um valor inestimável. Digamos, uma vez mais, que um grupo gnóstico é como um oásis, no qual um potencial gnóstico está disponível para cada um. É um grande poço de Luz, alimentado pelo Espírito de Deus. Mas o grupo nos traz também alguns aspectos de nós mesmos que preferíamos manter escondidos em nossas profundezas. Ora, esses aspectos podem e devem surgir claramente antes que possamos deixá-los para trás. Esta é uma das razões pelas quais precisamos uns dos outros. E necessitamos ainda mais, para

nosso desenvolvimento, daquele semelhante com o qual temos mais dificuldade de relacionamento. Chegará uma hora em que seremos reconhecidos a ele!

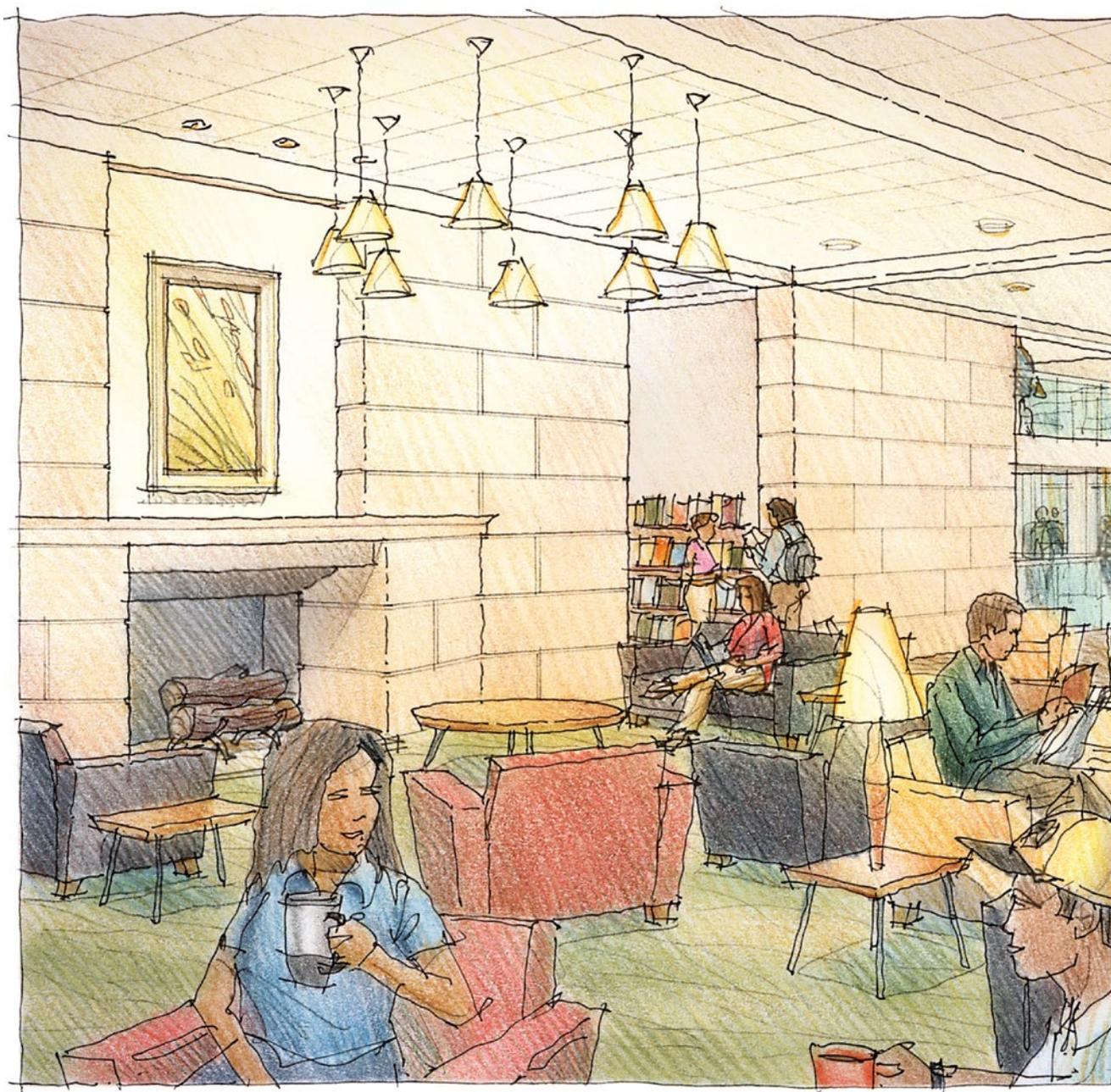
A uma vida rica de atividades pode suceder um período de ritmo mais lento. Quando nos aposentamos, o corpo se põe a funcionar mais lentamente, com algumas dificuldades. Essa fase corresponde a uma retirada gradual da vida externa. A velhice ou a doença fazem com que levemos outro estilo de vida: é uma aprendizagem com a qual o trabalho gnóstico se interioriza. Portanto, é um período em que liberamos mais força para o serviço interior. Quando essa fase se inicia, podemos nos ver como Maria, voltados para o serviço interior; e, a partir daí, como Marta, tirando conclusões, por mais diferentes que seja nosso tipo de vida. Busquemos e encontremos o equilíbrio. Tentemos, incessantemente, como Maria, “ficar em silenciosa quietude” para receber a força-Luz crística – afinal, sem essa orientação, todo o trabalho perde o sentido. No silêncio, poderemos compreender o que precisamos deixar para trás e o que poderemos fazer pela Grande Obra, que precisa ser efetuada em nós mesmos e neste mundo, e para o qual nunca haverá um número demasiado de obreiros. Criemos, assim, o espaço necessário para a Força que se estende muito além de todos os nossos poderes terrestres. Então, o Espírito de Deus se liberará neste mundo, como uma última ação, como um último auxílio para uma multidão de seres humanos. ✪



Muito gratificante foi observar as reações daqueles que compraram um livro ou o receberam de presente. Nossos corações foram profundamente aquecidos pelas inúmeras crianças que se sentiram em casa, enquanto realizavam lindos desenhos de presente para o Rei – em alusão ao livro infantil *Um Coração para o Rei*, publicado em Português e lançado nesse evento. Foi uma experiência incrível! Algumas reações foram muito especiais. Como a de uma criança de cerca de dois anos, que literalmente puxou a mãe e três outras pessoas para dentro do estande. E a de um casal que, imóvel em frente ao estande, repetia: “Aqui tem luz, muita luz! ...”, e também a alegria com que crianças e adultos receberam de presente um colar de origami, com um coração contendo uma mensagem preciosa dentro, feito à mão pelo Grupo de Jovens Rosa-Cruzes, durante a semana de trabalho no Brasil, realizada algumas semanas antes.

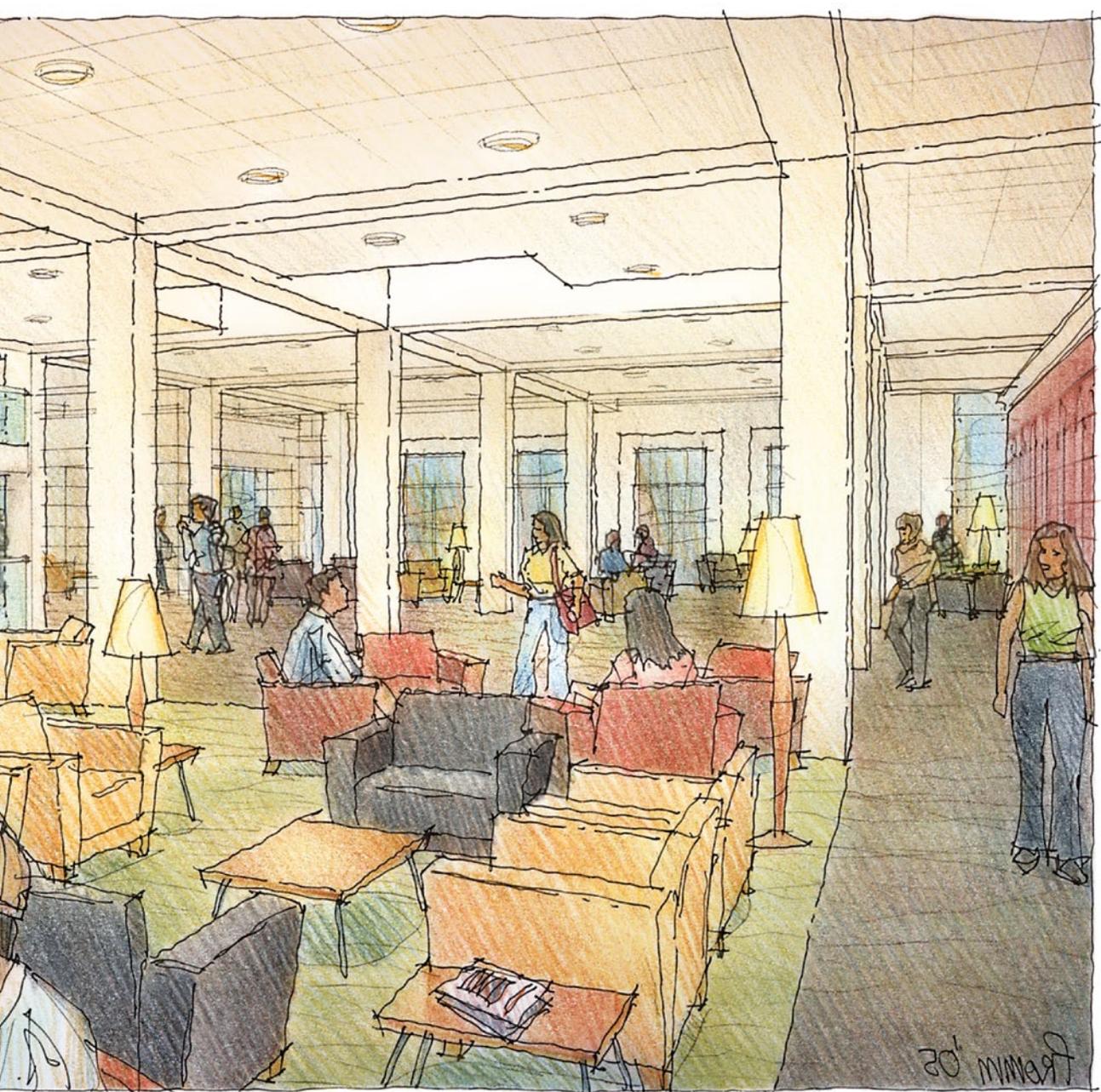
uma reflexão para os jovens, por catharose de petri

Em seu livro *O labirinto do mundo e o paraíso do coração*, Jan Amos Comenius compara o mundo a uma grande cidade onde o buscador da verdade é acompanhado por seus guias denominados Preconceito, Cegueira e Sabe-Tudo – cujo sobrenome é Ubíquo, o que está em toda parte. A cada passo, o peregrino encontra a mentira e a superstição em meio a uma sociedade vaidosa e corrompida. Ele verifica a inanidade do fazer do não-fazer dos habitantes, as insuficiências das regras sociais, a exterioridade da vida religiosa, as imposturas tanto no nível político quanto no das relações. ▶



O LABIRINTO DO MUNDO E O PARAÍSO DO CORAÇÃO

Descobre o desentendimento, a violência e a crueldade - em suma, um verdadeiro labirinto em que o buscador da verdade ameaça sufocar. Conseqüentemente, se um buscador da verdade deseja realizar a mudança interior, precisa libertar-se do mundo. “Regressa para o lugar de onde saíste, ao aposento do teu coração, e fecha a porta atrás de ti.” Estas palavras lhe são ditas num momento crucial de sua vida; elas provêm de uma voz que, embora não emanem ainda de seu interior, todavia o perseguem. São um convite para ingressar no paraíso do coração.



Quando a inteligência humana começa a discernir as diferentes graduações nas condições, nas classes, nas profissões e intentos da sociedade, após ser muitas vezes vitimada por ela, manifesta-se tanto nos jovens como nos idosos, a vontade de aderir a um ou outro grupo, cuja ambição seja a de melhorar a vida, de aliviar os sofrimentos, de trazer um pouco mais de paz interior e de alegria. Então, a inteligência humana começa a voltar suas antenas para todos os lados. A princípio, falta-lhe segurança, é instável, receosa e prudente, teme ser prejudicada, deixar-se enganar de um modo ou de outro. Principalmente quando somos jovens, não queremos causar má impressão! Após ser suficientemente torturada por um bom tempo, a inteligência descobre que precisa, antes de tudo, regularizar convenientemente seus negócios pessoais. Quando consegue isso, fica orgulhosa e pensa: “Estou pronta, vou sair e explorar um pouco mais o mundo.”

Muitos jovens disseram isso!

Em seguida, com uma personalidade-eu solidamente firmada na dura realidade dialética, esses jovens deixam seu belo lar e saem percorrendo o mundo em busca de experiências, tendo por companheiros o guia Sabe-Tudo e o camarada Preconceito. E assim, a pessoa a quem se destinam essas palavras, vê-se integrada a diversas correntes da vida, até o dia em que, talvez, chegue ao Lectorium Rosicrucianum, ou a uma de suas salas. Se,

dotada de uma forte personalidade-eu ela segue o curso que lhe é proposto, sua consciência não lhe permitirá compreender senão aquilo que se harmoniza com ela, riscando de suas cogitações tudo o que ultrapassa o nível de compreensão da consciência comum. O único necessário, o onipresente, lhe escapará irremediavelmente.

Ó amarga tragédia de toda uma vida de trabalho libertador!

Que a sábia palavra “Homem, conhece a ti mesmo” possa um dia ser verdadeiramente realizada!

Infelizmente, todos os preconceitos e essa detestável presunção da personalidade cuidarão para que a alma não possa beneficiar-se do trabalho de libertação da Corrente da Fraternidade Universal. O interessado reflete intensamente a fim de compreender de que se trata, pois quem resolve fazer “experiências” passa tudo pelo crivo. Mas, por isso mesmo, o coração permanece fechado a toda força hermética libertadora, à corrente de força que nele não pode afluír. Assim como Moisés no deserto fez brotar a Água Viva da rocha, assim também o homem pode fazer uso dessa força, fender o duro granito de seus preconceitos e tornar-se uma testemunha cintilante desse novo impulso de vida, contanto que apreenda o essencial dos ensinamentos rosa-cruzes.

Com relação a isso, gostaríamos ainda de dizer algumas palavras sobre a queda da

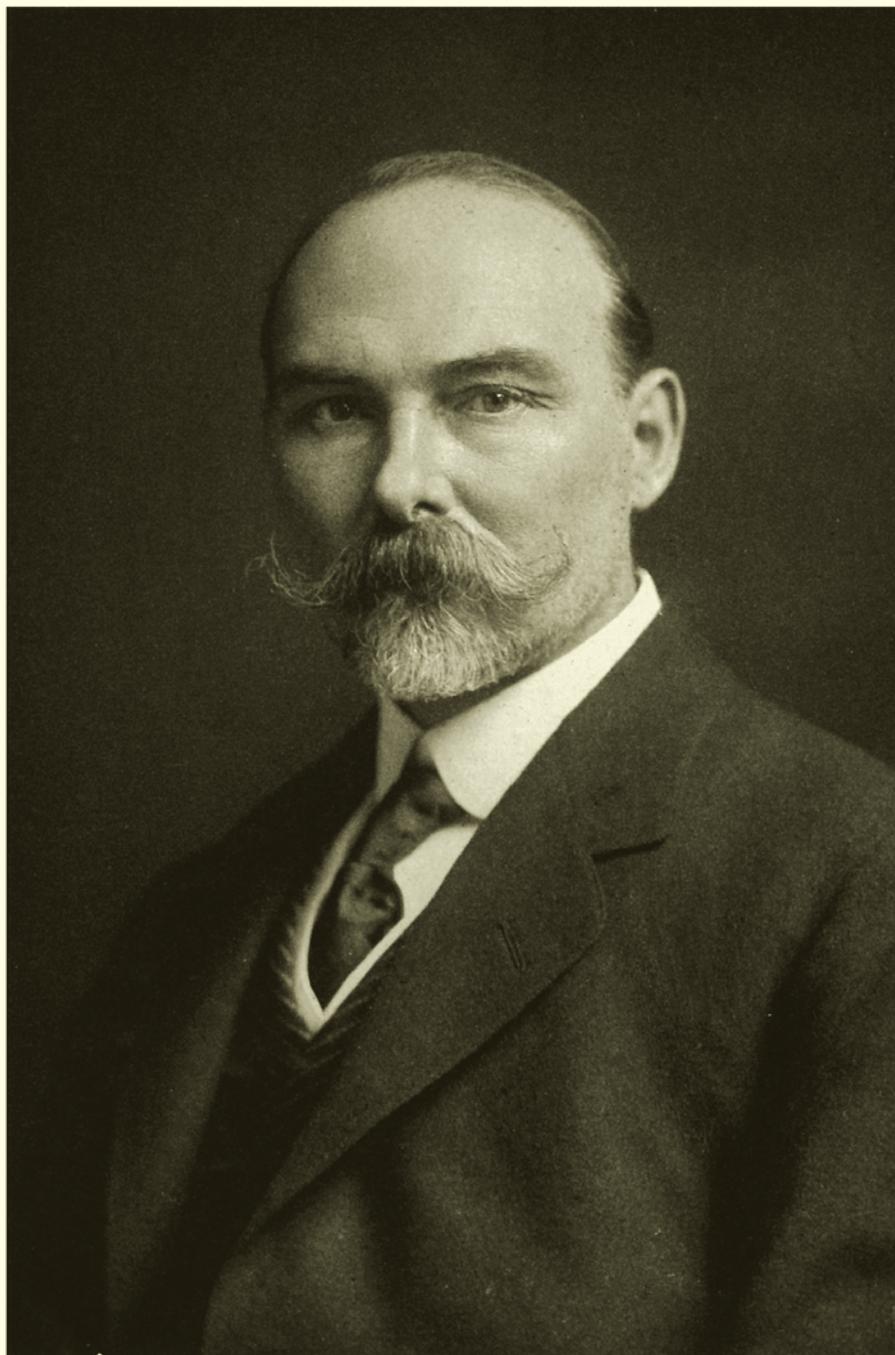
humanidade. Quando nós, enquanto microcosmos, fomos banidos do paraíso, rompemos o fio da vida imperecível que nos ligava a ele, perdendo-o, assim, no curso de nossa descida. Todavia, os microcosmos não tomaram consciência dessa perda logo de imediato, pelo fato de que a novidade lhes parecia mais que sorridente. E caíram cada vez mais profundamente. Mas, agora que o mundo treme sobre suas bases, todos estão buscando um ponto de apoio, um corrimão para se apoiar. Se este for o seu caso – e esperamos de todo coração que isto se refira a um grande número de jovens – damos a vocês esse conselho: se verdadeiramente vocês tomaram consciência de que sua queda atingiu profundezas insondáveis, não mais estendam as mãos para o exterior a fim de receber ajuda (como quando não conseguem alcançar um degrau da escada e se agarram à rampa), mas voltem-se para seu foro interior e abram seu coração à luz da Gnosis. Ela lhes ajudará a reencontrar o fio de vida perdido a fim de que a união entre a alma e o Espírito possa novamente ser restabelecida.

Graças a esse influxo de novas forças astrais, o sangue de seus corações poderá de novo receber a sublime sabedoria divina. Nascerá um saber mediante a experiência que não pode ser comparada com as “experimentações” que acontecem neste mundo.

Se puderem realizar o novo comportamento de vida, uma sabedoria de amor superior se despertará em vocês e os conduzirá aonde

uma nova queda é impossível. A Escola da Rosacruz Áurea deseja ser um elo que traz para todo verdadeiro buscador o conhecimento do plano de Deus para o mundo e a humanidade em forma de ato libertador. Um processo harmonioso deverá gerar a tríplice manifestação divina “Espírito-alma-corpo”. Mas isto somente é possível mediante uma abertura bastante pura do coração e da cabeça, bem como uma real aspiração à invisível força ígnea do Pai, elevada na Luz e no Amor de Cristo, e revelada como manifestação do Espírito Santo. ✪

GEORGE STOWE MEAD, O PRIMEIRO GNÓSTICO MODERNO*



Photogravure Elliott & Fry

Yours sincerely G. S. Mead.

a redescoberta da gnosis

No dia 6 de novembro de 2013, um especialista em C.G. Jung, Hugo Van Hooreweghe, deu uma palestra intitulada “Razões pelas quais George R.S. Mead pode ser considerado o primeiro gnóstico moderno” – por ocasião da publicação do livro *Ecos da Gnosis*, em holandês. Essa palestra é o resultado tanto do desenvolvimento de uma consciência pessoal, como da maneira como a Gnosis sobrevive aos séculos e sempre retorna à consciência humana. Abaixo, podemos ver a primeira parte dessa palestra na livraria Pentagram, em Haarlem, Holanda.

Como o orador se considera mais um amante e um fã do trabalho da G.R.S. Mead do que um especialista, ele se sente obrigado a fazer um retorno ao seu próprio passado. Ele “desfrutou” uma educação teológica, mas “desfrutar” talvez não seja a palavra certa. Na verdade, ele recebeu uma formação em um período em que a teologia dominante era a do “Deus está morto”, quando os lógicos positivistas e linguistas qualificavam de absurdo total qualquer declaração relativa a um mundo “diferente”. Com certeza não era o ambiente ideal para adquirir o conhecimento sobre o “outro mundo”, o mundo da Gnosis. E menos ainda sobre o trabalho de alguém como G.R.S. Mead, que, afinal, “não era nada além do que um teosófico.” Em reuniões colegiais sobre a história da igreja, os gnósticos não são mais do que “duas colheres tiradas do pote”. Além disso, eles pareciam estar sofrendo de uma doença infecciosa contra o qual os padres da Igreja, com suas crenças rígidas, haviam encontrado a vacina adequada. O único mérito reconhecido a estes hereges, ou heterodoxos, era terem involuntariamente se afastado da fé verdadeira, e assim terem contribuído para o desenvolvimento da verdadeira fé ortodoxa: a fé dos conquistadores, dura como uma rocha. Mas, a minha simpatia já havia sido dada a esses pacientes “perdedores” do debate – termo utilizado por Gilles Quispel em um documentário de mesmo nome. É por isso que a explicação que este orador recebia nos bancos

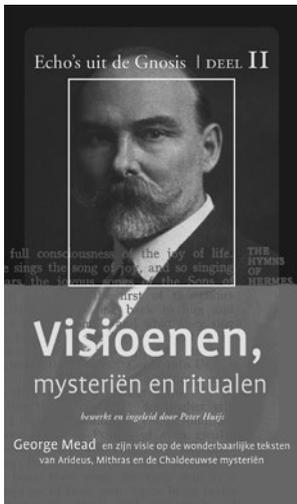
escolares não era suficientemente satisfatória e, para tomar o caminho da Gnosis, foi preciso tomar um desvio.

DEMIAN E ABRAXAS VALEM UM DESVIO Para este estudante, esse desvio foi passar, durante uma noite de novembro, pelo quarto de uma jovem. No entanto, mais do que pela ocupante do quarto, sua atenção foi atraída por um livro: *Demian*. Ele já conhecia o autor – Hermann Hesse – principalmente sua obra mais popular: *Siddhartha*. Mas de imediato o título *Demian* o intrigou e imediatamente perguntou se poderia tomá-lo emprestado. Hesse escreveu esse livro sob pseudônimo (Emil Sinclair), logo após a Primeira Guerra Mundial, como uma espécie de romance educativo. Trata-se da história de um adolescente que, sob a sombra ameaçadora da guerra iminente, busca um rumo para sua vida. Na escola, durante uma aula de culturas antigas, descobriu Abraxas, o deus demiurgo. Os gnósticos o reconhecem e muitas vezes foi representado em amuletos com um corpo de dragão e cabeça de galo. Esse nome, Abraxas, caiu sobre ele como uma bomba e ele moveu céus e terra para descobrir mais sobre a “Gnosis”. Sua fome de conhecimento se viu momentaneamente satisfeita por um organista, um pouco recluso, de nome Pistorius, e mais tarde por seu companheiro de estudo, Demian, que estava um ano mais adiantado. De onde Hesse retirou todas esses conceitos? Afinal, era conhecido por ser um escritor bastante romântico, alguém que

se destacou na descrição do cenário idílico e no esboço da vida interior de artistas e sonhadores. Nesse ponto de sua vida, ele atravessou a crise de meia-idade e estava em tratamento com um aluno de Carl Jung, Joseph Bernard Lang, que compartilhava os mesmos interesses de seu mestre para com os gnósticos e a antiga sabedoria dos mistérios. Provavelmente Hesse foi recebido várias vezes por Jung em Küsnacht. Mas é certamente também graças a Lang que ele aprendeu quem seriam os gnósticos. Mais tarde, o interesse de Hesse se desloca para religiões orientais, principalmente Budismo e Taoísmo. A leitura de Hesse não me permitiu aprender mais. No entanto, descobri mais tarde que todos os seus romances foram construídos em torno das linhas de força de um processo de individuação, processo fundamental dos ensinamentos de Jung.

JUNG E SEU LIVRO VERMELHO Apesar de minha antipatia crescente, por minha formação teológica, escolhi me concentrar em Jung para concluir meus estudos. Hesse tinha em mãos um livro de Jung, com título estranho: *Sete Sermões aos Mortos* (em latim, *Septem Sermones ad Mortuos*). Era um texto que durante muito tempo circulou somente no círculo íntimo de Jung, e só recentemente encontrou seu lugar no famoso *Livro Vermelho*. Sua forma é semelhante ao que pode ser chamado de um Tratado de inspiração gnóstica, no qual Jung articulava seus pensamentos a partir de um precursor de Valentin:

Basilides. A escolha do nome foi provavelmente guiada por sua associação fonética com a cidade de Bâle, de onde Jung é originário. Ele escreveu esse texto estranho como uma espécie de exorcismo contra fantasmas que na época se alastraram por toda a sua casa e enchiam seus filhos de medo. O texto começa com uma descrição dos mortos voltando de Jerusalém, onde procuram em vão a verdade. É por isso que eles precisam ser educados na sabedoria de Alexandria. Por mais estranho que possa parecer, quando Jung terminou o trabalho, seus fantasmas desapareceram! Pelo menos é o que ele diz, mas o gosto pela brincadeira não era estranho a ele! Quando li esse texto, ainda não sabia que Jung, em seus estudos sobre os gnósticos, havia encontrado a maior parte da sua informação em G.R.S. Mead. E quando Jung alegou, entre 1912 e 1916 – durante o que ele chamou de “descida aos infernos”, ou seja, seu confronto com seu próprio inconsciente – que os gnósticos eram seus únicos amigos, foi graças ao conhecimento adquirido a partir do trabalho de Mead. Uma leitura atenta do *Livro Vermelho* – que foi impresso apenas recentemente, quando ele já estava em gestação naquela época – revela semelhanças óbvias com o estilo de Mead. Além disso, dezoito trabalhos de Mead ainda adornam a biblioteca Jung. Ele mesmo foi pessoalmente agradecer Mead, em Londres, por sua contribuição para o estudo da Gnosis e, da mesma forma, Mead pagou a visita a Jung. Jung o elogia em sua passagem



“por seu excelente uso da língua inglesa”. Jung falava Inglês perfeitamente bem, mesmo não sendo sua língua materna, o que era ainda mais admirável.

UM TIJOLO INDIGESTO MAS PRODIGIOSO E o que dizer de mim? Devo admitir que, dado o impressionante título do livro de Mead: *Fragments de uma Fé Esquecida* (Fragments of a Faith Forgotten), na época cheguei a comprar uma reedição. Mas até recentemente, eu ainda não havia tocado nesse livro em minha biblioteca. Achei indigesto aquele tijolo de seiscentas páginas sobre tudo o que poderia ser dito, na época, sobre a tal fé esquecida. Enquanto isso, aprendi bastante, como muitos de nós, na década de setenta, lendo a vasta coleção de livros de Nag Hammadi – traduzida pela primeira vez por James M. Robinson e repleta de testemunhos gnósticos genuínos e até mesmo textos inteiros de Evangelhos. Mead, por sua vez, teve de se contentar com alguns fragmentos que circulavam naquela época, incluindo aqueles encontrados pelo Dr. Askew (Askewianus Codex) contendo a *Pistis Sophia*, por Bruce (Brucianus Codex), incluindo o *Livre de Jeú* e o *Tratado sem Título*. Ele também tinha conhecimento do Codex de Berlim (Papyrus Berolinensis), que contém o *Evangelho de Maria* e o *Livro Secreto de João*. Mas os trechos essenciais de que Mead dispunha teriam sua origem nos textos dos Padres da Igreja, portanto, da boca dos inimigos dos gnósticos. Por isso, Mead dividiu seu livro

em duas partes: uma, intitulada *A Gnosis segundo seus inimigos* (The Gnosis according to its foes) e outro, *A Gnosis segundo seus amigos* (The Gnosis according to its friends). Com um suspiro quase profético, ele disse: “É uma pena que esses documentos foram perdidos ou destruídos. Eles provavelmente aportariam mais luz não só sobre a teosofia cristã, mas também sobre as suas origens obscuras”. Após a descoberta dos manuscritos de Nag Hammadi, no final de 1945, seu trabalho foi esquecido e nunca recebeu a atenção que merecia. Foi um erro, pois esse trabalho não é datado – um argumento que deve ser bem reforçado hoje. As fontes limitadas disponíveis não o impediram de obter uma imagem completa e precisa dos gnósticos – e mais: com um texto persuasivo. É um prazer ler seu texto, seu estilo conciso, rico e puro. Após meio século de pesquisas sobre a Gnosis, a maior parte de seus projetos ainda não é obsoleta. De fato, alguns foram reconhecidos recentemente por cientistas. Ele também tem o mérito de ter sido o primeiro a sair da atmosfera do círculo viciado da pesquisa acadêmica e de ter abordado, com um ponto de vista muito diferente daquele dos cientistas religiosos, tradicionalmente hostis. E foi isso que, por um longo tempo, muitos não perceberam. É por isso que este livro *Ecos da Gnosis*, acaba de ser publicado em holandês, pois rende uma preciosa homenagem ao notável trabalho de Mead, afim de que ele possa estar acessível a todos. ♣



a argila, a água, o fogo e o homem

O santuário do coração, não se pode negar, é feito de “argila”, ou seja: de materiais desta natureza. Ele somente será útil ao aluno se este preencher o espaço vazio com o espaço invisível, o espaço vazio da Gnosis; se o vaso for preenchido com a água viva, com a roda ígnea da salvação. Antes, porém, é preciso que haja uma purificação do coração.

J. van Rijckenborgh, *A Gnosis chinesa*

No universo, as galáxias, os sistemas estelares, os sóis e os planetas, tudo está submetido a um movimento giratório. A curta vida temporal humana está ligada a essa vida incomensurável e se move no ciclo da existência, no ritmo dos dias, estações e anos que lhe são atribuídos. Cada homem é chamado a dar um impulso à sua vida e a fazer experiências até alcançar a plenitude, como o ceramista que deve mover os pés para dar ao torno de oleiro o movimento rotativo desejado. Somente assim ele pode dar forma à bola de argila e animá-la.

A ARGILA

Para começar, a atenção se volta para o centro imutável no coração, e todo o ser se harmoniza com ele. Aprender a se consagrar a esse meio intemporal requer uma vigilância constante, durante toda a vida.

A ÁGUA

Quanta água é necessária para amassar a argila! O trabalho interior só é possível com a adição incessante de Água Viva na quantidade desejada. A base da obra deve ser sólida, fundamentada na realidade. Quanto ao ceramista, ele deve estar consciente de participar de um processo de ordem superior. Ele deve dar ao vaso uma forma delgada, sem no entanto ceder à tentação de obter um resultado antecipado, portanto sem querer avançar muito depressa em sua tarefa a fim de ser liberado dela. Porque isso seria, então,

prova de orgulho, ele se superestimaria, e o vaso se arruinaria.

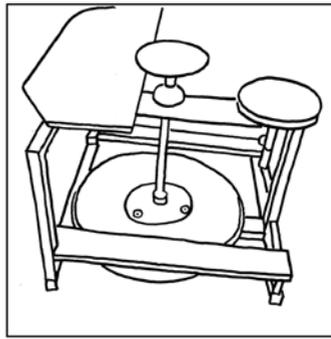
Finalmente, graças à atenção contínua oferecida pelo ceramista no meio do intemporal que esse vaso de argila é elaborado. Frequentemente nos apegamos à forma exterior do vaso como se ela lhe tivesse sido dada do exterior; no entanto, é a partir do interior que o vaso toma forma. É assim que, no coração humano, todas as forças necessárias provenientes do centro despertam para a vida.

O FOGO

A seguir, é no fogo que o vaso deve se solidificar. O menor excesso ou a menor falta é prejudicial para o processo alquímico. Nessa fase, o ceramista pode colaborar favoravelmente se tiver consciência do grandioso processo para o qual está oferecendo ajuda. Para que isso aconteça, ele deve compreender bem que seu papel consiste em finalizar sua tarefa e, em seguida, no momento propício, se retirar para submetê-la ao poder do fogo.

O HOMEM

Quando, por fim, o forno é aberto, surge o resultado de um processo fantástico. A água, a argila, o fogo e o ar da natureza temporal são transformados em uma matéria nova, mediante o trabalho da água, do ar e do fogo espirituais. A argila maleável foi transformada num vaso sólido. O ceramista pode deixar que seu trabalho siga seu caminho.



A eternidade, que independe do tempo, preenche o espaço livre do coração do ser humano

Daí em diante, a vida intemporal se verte no vaso, sendo ali protegida, envolta e sustentada. A eternidade, que independe do tempo, preenche o espaço livre do coração do ser humano.

AS MANIPULAÇÕES DO CERAMISTA

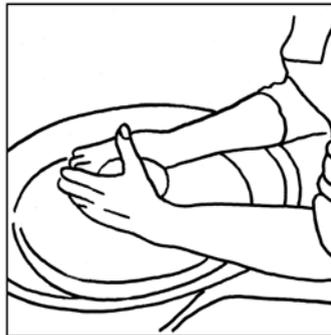
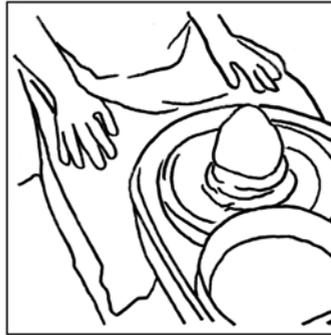
Vejam como trabalha o ceramista: ele se coloca atrás de seu torno e, com os pés, faz girar a roda inferior, que está ligada ao disco de modelagem, que gira junto com Ela.

Sobre esse disco, o ceramista deposita uma bola de argila um pouco mais volumosa que o necessário para o vaso previsto.

Antes de colocar suas mãos na terra, seus pés trabalham para dar a velocidade necessária à roda maior. Concentrado na tarefa que o espera, ele se posiciona bem defronte da argila e retira os pés da roda. A seguir, envolve com as mãos a bola de argila, enquanto seu corpo permanece imóvel.

Então, tem início o que, em todo o processo, é fundamental: ele toma o maior cuidado para manter a argila centrada sobre o disco de modelagem em rotação. Para dominar essa técnica, é necessário muito tempo e experiência, às vezes até mesmo muitos anos.

O ceramista também precisa aprender a umedecer a argila da maneira correta. Se, impulsivamente, colocar muita água, a terra vai amolecer, se deformar e desabar. Se,





ao contrário, ele não colocar água o suficiente, a terra vai ficar dura, e ele não conseguirá fazer nada. O ceramista fica totalmente voltado para o processo que está acontecendo diante dele, no seu torno. Ele participa desse processo de corpo inteiro, utilizando alternadamente os pés e as mãos. A cada fase, ele se concentra sobre aquilo que o vaso exige, desempenhando um papel ao mesmo tempo ativo e servil.

A mão que está trabalhando no lado interior pressiona a terra para fora; a outra, no lado exterior, exerce tanta resistência quanto for necessário para conservar a forma que mais convém.

O interior dá forma ao exterior. Nunca o contrário!

O corpo inteiro do ceramista está a serviço do processo. Seus pés cuidam de dar à roda inferior uma boa velocidade; suas mãos moldam as faces interna e externa do vaso. Mantendo-se bem diante da bola de argila, ele permanece perfeitamente centrado.

A água serve para manter a flexibilidade. O fogo também exige um cuidado minucioso, pois o processo de queima deve ser bem controlado. Se a queima for muito rápida, o vaso estoura; se for muito lenta, resulta num desperdício de energia.

Quando o calor do fogo é insuficiente, o vaso se torna frágil e quebradiço; muito

calor, ao contrário, o deforma e a terra se torna vítrea. Quando o vaso é submetido a uma temperatura suficiente, ele pode resfriar progressivamente. No espaço ao redor do fogo, o vaso se beneficia de um calor favorável, muito penetrante, comparável ao do sol. ✪

o construtor do mundo

Somente quando o homem se esquece de si mesmo
seus olhos se abrem para o universo,
Ele vê o que realmente é
e quem sustenta e mantém a vida.

Então percebe quem está imerso em todos os
universos
com a força tranquila de seu alento.
Por onde quer que caminhes, tu existes,
E foi à sua imagem que ele te criou, ó homem!

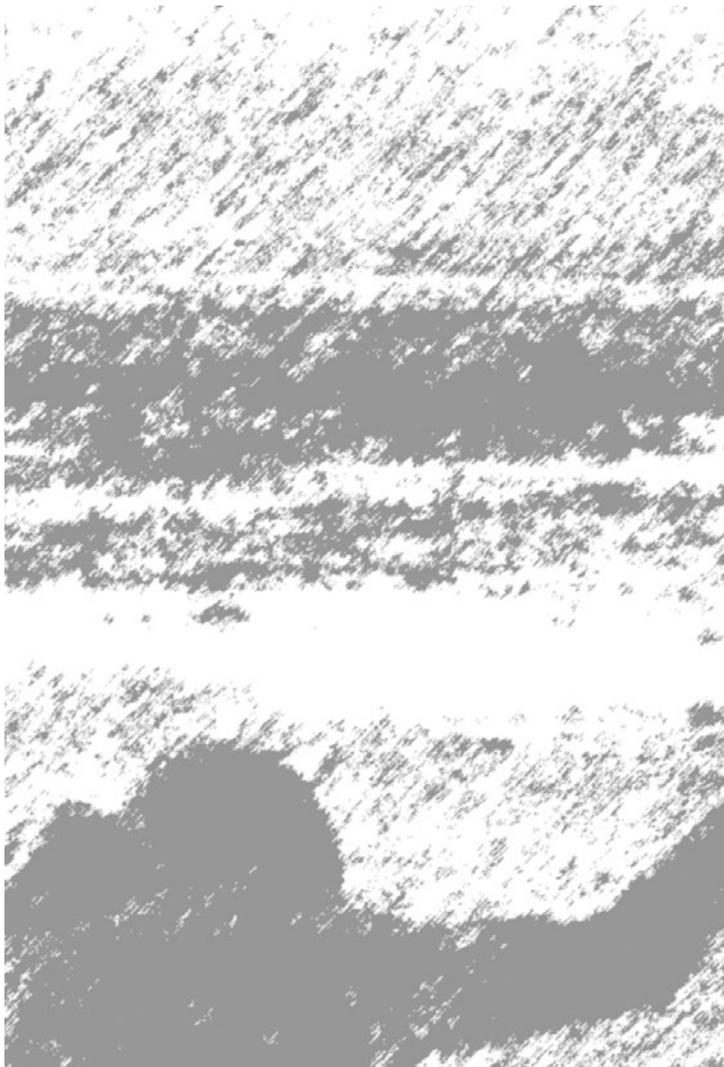
Ele é o princípio e o fim do mundo,
Ele é o rei das Almas-Espírito
Ele Lhe estende Suas sagradas mãos, ó homem,
Ele, que é o eterno Construtor do Mundo.

A Ele agora dedico meu cântico,
Em sintonia com Seu Alento, Seu verso e Sua medida
Pois, em mim, nada restou além Dele
Desde que me esqueci de mim mesmo.

Ó homem, somente Nele está tua liberdade
Quando, tão miraculoso, Ele se manifesta no Outro
Para ser seu Irmão
Na rubra aurora do Sol de Cristo.

E milhares de cores de vários tons emanam da Terra,
Ainda iluminada pelo sereno Sol.
A Terra, que antes estava em luto profundo
Reconhece o horizonte do Espírito!

E, no coração da Terra, em força silenciosa,
Nuvens vermelhas transformam-se em Rosa Áurea.
Pleno de Amor eleva-se o Novo Homem
Que pronúncia, como Ele o fez outrora: "Está
consumado!"



der weltbaumeister



Nur wenn der Mensch sich selbst vergisst,
öffnen die Augen sich der Welt
und er sieht was da wirklich ist,
und wer das Leben trägt und hält.

Und wer die Welten all durchmisst,
mit seines Atems stiller Kraft,
auf dem du gehst, in dem du bist,
der dich, o Mensch, zum Bild sich schafft.

Er ist der Welt Beginn und Ende,
er ist der König froher Geister;
er reicht dir, Mensch, die sel'gen Hände,
er ist der ew'ge Weltbaumeister!

Ihm widme ich nun dieses Lied,
nach seines Atems Vers und Maß,
weil er mir nur und sonst nichts blieb,
als ich mich selber einst vergaß.

O Mensch, in ihm nur wirst du frei,
wenn er im Andern voller Wonne
dir zeigt, dass er dein Bruder sei
in Christi morgenroter Sonne.

Und tausendfaches Farbenspiel
entströmt der Erde, still besonnt,
die einst so tief in Trauer fiel,
erkennt des Geistes Horizont.

Und Wolkenrot wird Rosengold
im Erdenherzen, still bewacht -
ein neuer Mensch erhebt sich hold
und spricht wie er: "Es ist vollbracht!"

Julho de 2014 - Poema de John Wolfgang Busch, Nuremberg

um olhar retrospectivo



A bela cidade de Tübingen, no sul da Alemanha, onde, durante o primeiro decênio do século XVII, a *Fama Fraternitatis* tomou forma

Nossa Fraternidade fez ressoar um chamado! No que me diz respeito, esse chamado ganhou forma e conteúdo quando, em meio a uma conferência em Renova, os alunos foram convocados a ir a Calw.

Os grão-mestres Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri já tinham a intenção de realizar essa conferência, seguindo os passos da Fraternidade da tão estimada Ordem da Rosa-Cruz. Eles desejavam renovar esse chamado, que ainda ressoa como uma

FAMA 400-CONFERÊNCIA 2014 EM CALW

poderosa fórmula mágica. Apesar de, inicialmente, eu ter criado vários obstáculos, em participar da viagem, eles logo desapareceram depois de uma troca de correspondência com a pessoa que fez contato comigo. Depois de me inscrever, senti estas palavras ressoando em mim como um eco: “Vou para Calw!” Inspirado pelo pequeno livro *Ad Fontes* (Retorno às Fontes), que os organizadores nos haviam enviado, tomei consciência da importância dessa fraternidade, do livro *Fama Fraternitatis* e de Cristão Rosa-Cruz como símbolo de um discípulo de Cristo, um escolhido pelo Espírito divino, o homem alma-espírito. Tenho a impressão de que, para mim, a leitura desse livro foi a origem de um ténue chamado, como uma pequena semente lançada em uma terra arada pela experiência e pela compreensão. Portanto, se alguém me pergunta o que essa conferência me trouxe, eu respondo: “Tudo!” Sempre nos repetem que é preciso construir com base em alicerces sólidos. Pois bem. Parece que, sobre meus velhos alicerces, novas fundações estão sendo colocadas em mim. Elas estão esperando que surja a nova consciência, que me permitirá fazer as escolhas certas, colocar ordem, acrescentar paredes, ampliar a construção, deixar espaço, no pátio interior, para um magnífico jardim, um canteiro de rosas. Ao lançar um olhar para trás, noto que em mim havia um ponto de interrogação, uma aspiração. Hoje, mais do que nunca, sei o que me animava:

uma aspiração pelo espírito e pelo amor. O chamado lançado durante essa conferência extraordinária era para liberarmos esse espaço interior, para estendermos as asas com confiança e compreensão límpida, para darmos continuidade à construção da casa Sancti Spiritus, a morada espiritual prevista para todos. Essa morada ganhou forma pela primeira vez graças aos amigos do Tübinger Kring (o Círculo de Tübingen), que se reuniam ao redor de Tobias Hess, Johann Valentin Andrea e outros participantes. No pátio situado próximo do Tübinger Stift (casa de estudantes na cidade universitária), fiquei observando as janelinhas por detrás das quais nossos jovens irmãos daquela época inspiravam-se uns aos outros em suas conversas. ✪



Foram vendidos e presenteados mais de 4000 livros, entre os quais quase todos os títulos dos grão-mestres e 12 mil marcadores, entregues em mãos. Esse foi o resultado do enorme esforço dos pioneiros que começaram a traduzir esses livros no Brasil, bem como do atual grupo que lidera o trabalho da Pentagrama Publicações hoje. Como os rosa-cruzes há 400 anos revelaram os Manifestos para centenas de formadores de opinião e intelectuais de sua época na Europa, hoje nós fizemos o mesmo, comunicando a mensagem de transformação e libertação ao ser humano moderno.



PENTAGRAMA PUBLICAÇÕES

Bienal Internacional do Livro de São Paulo 2014

Cobertura da Bienal: <http://youtu.be/zeIUyaVbLq4>

